

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

BARBARA GABRIELA SANTOS OLIVEIRA

**CONSTRUINDO FUTUROS POSSÍVEIS:
O PAPEL DO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR NAS FORMAS DE TRANSIÇÃO PARA
A VIDA ADULTA ENTRE AS CLASSES POPULARES**

Porto Alegre

2023

Barbara Gabriela Santos Oliveira

CONSTRUINDO FUTUROS POSSÍVEIS:
O PAPEL DO ACESSO AO ENSINO SUPERIOR NAS FORMAS DE TRANSIÇÃO PARA
A VIDA ADULTA ENTRE AS CLASSES POPULARES

Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul apresentado como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Sociais. Orientador: Prof. Dr. Alexandre Almeida de Magalhães

Porto Alegre

2023

CIP - Catalogação na Publicação

Santos Oliveirs, Barbara Gabtriela
Construindo futuros possíveis: o papel do acesso ao
Ensino Superior nas formas de transição para a vida
adulta entre as classes populares / Barbara Gabtriela
Santos Oliveirs. -- 2023.
55 f.
Orientador: Alexandre Almeida de Magalhães.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em
Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Transição para a vida adulta; . 2. Assistência
Estudantil. 3. Acesso e permanência no ensino
superior. 4. Aspirações profissionais. 5. Estudantes
de classes populares. I. Almeida de Magalhães,
Alexandre, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Aos bons tempos que foram e aos que virão. Aos meus amores e a toda gente boa que tive a sorte de encontrar nesse caminho vivido. Caminho que me faz querer permanecer no presente, como um tempo bom que eu espero que nunca acabe.

Agradeço à minha mãe, Noemia Maria, minha primeira professora e a pessoa mais criativa e brilhante que já conheci na vida, um exemplo de solidariedade e esperança. Todas as vezes em que me carregou pela mão e me levou contigo para acompanhar suas lutas diárias forjaram as razões que hoje movem minhas produções e todo o meu engajamento enquanto pesquisadora e socióloga.

Aos meus irmãos Marcos Ariel, Murillo, Macel Arthur e Mateus, devo a vocês, os homens da minha vida, toda a minha valentia e coragem. Obrigada por toda proteção, por terem cuidado da mãe enquanto eu me lançava nesse projeto de vida, pela compreensão e por todo amor que temos uns pelos outros.

Ao meu professor Alexandre Magalhães, pela orientação tão humana e gentil, e por demonstrar através da sua docência que uma universidade verdadeiramente diversa e transformadora é aquela em que seus estudantes encontram respeito e acolhimento em suas particularidades, suas necessidades e o mais importante, suas potencialidades. Obrigada por todo o tempo que dedicou nessa orientação. Sua capacidade de me acalmar, de me ouvir com empatia e de sempre oferecer palavras de ânimo e boas ideias foi fundamental para a conclusão dessa etapa, que, como você sabe, nem sempre foi tranquila.

À Aline, por transbordar essa sua forma de amor e cuidado que é tão única e tão sua. Obrigada por ter aquela ideia que mudou tudo, por me oferecer essa amizade que transcende a gente. Você sempre esteve ali nos momentos mais difíceis, trazendo soluções e forjando possibilidades de saídas e saúde. Você esteve ali nos momentos de maior felicidade, das grandes aventuras e rebeldias. É difícil descrever o quanto você é importante para mim e para a minha família, as palavras me escapam porque são insuficientes para agradecer todo o apoio e todo o amor que você me deu desde o primeiro dia que nos conhecemos.

Ao Bruno, pelo convite à Ciência de Dados, por toda paciência e por todas as horas dedicadas em me auxiliar com os cruzamentos e com as leituras e interpretações de todos aqueles números. Obrigada por me inspirar a ver o mundo da programação através desse seu olhar tão interessado e cheio de entusiasmo.

À professora Célia Caregnato, por ter sido a minha orientadora nos anos de Iniciação Científica, por ter possibilitado a minha primeira experiência institucional na ciência que me

fez atravessar o país. As produções realizadas sob sua orientação contribuíram para fortalecer e manter de pé o meu encanto pela Sociologia da Educação. Obrigada por ter me apontado caminhos e leituras tão valiosos. Agradeço por me ensinar tanto através da sua orientação, sempre cuidadosa, organizada e sistemática.

Ao Elton, por me proporcionar conforto, carinho e felicidade em todos os momentos, sobretudo nos de maior dureza. Obrigada pela leitura generosa do texto, pela paciência nos meus momentos de estresse, por topar se ajustar a tempos e prazos tão distintos e distantes dos seus e pela demonstração de interesse sincero em tudo o que eu faço.

Ao Luciano, por ter sido o meu parceiro de tantas horas, por todas as nossas conversas sociológicas, todas as leituras e toda a inspiração. Obrigada pelo constante incentivo, o seu encorajamento me trouxe até aqui e me inspirou a ver futuros possíveis através da pesquisa e da Sociologia. Inclusive, não fosse por ela, nem teríamos nos encontrado na vida.

Ao Lui, quem me acolheu no meu primeiro dia na Casa do Estudante. Obrigada por ter contribuído para que pudéssemos viver essa experiência, que nem sempre foi fácil, em uma morada que também foi lar, refúgio e família. Obrigada por todas as madrugadas em claro em que estudamos juntos, por me ensinar sobre as formas de afeto nos seus mínimos detalhes e por estar comigo em todos esses momentos.

Ao Luís, meu amigo e vizinho, pelo apoio na divulgação do questionário, pela companhia nas horas de solidão, pelas conversas profundas e por se colocar disponível para os meus textos e por todos os suportes que me ofereceu ao longo desses anos.

Ao Robson, pelo entusiasmo e estima, por elevar minha autoestima intelectual com esse seu jeito tão empolgado, espontâneo e sincero.

À Stephani, minha amiga e companheira de curso. Obrigada por cada escuta, cada presença e por todas as palavras de fortalecimento. Nunca me esquecerei dos movimentos que fez em favor da minha felicidade e do meu bem-estar.

À Taise, minha irmã de alma. Obrigada por colorir meus dias, por ser minha a companhia e a minha companheira em todas as escaladas, em todos os caminhos, por estar presente em todos os momentos, me trazendo de volta, me reerguendo e me iluminando com sua presença. Obrigada por ter me ensinado que é o caminho o lugar do imprevisto da casa, por fazer da nossa amizade um lugar de conforto e família. Você é parte de toda a felicidade que encontrei nessa jornada trilhada na UFRGS e em Porto Alegre, felicidade que transpassa o tempo. Você está em quem eu sou hoje e em quem eu serei amanhã. Para onde eu for, você estará comigo.

Ao Vitor Volpi, meu amigo iluminado, meu cúmplice e meu parceiro intelectual. Obrigada por ter contribuído com a pesquisadora que sou hoje, por me amparar nas horas de cansaço, por me desafiar a sempre ir além, por me confiar suas questões, suas produções e suas vontades. Cada minuto das nossas longas chamadas de vídeo foram capazes de fazer desaparecer qualquer ideia de desistência, você encoraja minha determinação. Nossos cafés e nossas risadas são parte das minhas melhores memórias. É um privilégio ter tido a chance de viver esse encontro e essa andança contigo, encontro que virou caminhada rumo aos futuros possíveis que iremos forjar nesse mundo.

Meus mais sinceros agradecimentos às minhas vizinhas, colegas e as participantes desta pesquisa. Vocês deram vida a este trabalho. Obrigada pelo reconhecimento da seriedade deste estudo e por me confiarem suas histórias de vida, suas lágrimas e seus sonhos.

RESUMO

O presente trabalho investiga a influência do ingresso no ensino superior no processo de transição para a vida adulta, explorando os efeitos decorrentes do prolongamento da escolaridade na formação de projetos de vida com base nas aspirações profissionais de estudantes universitários. Utilizando como cenário uma casa do estudante, a pesquisa emprega técnicas quantitativas, incluindo a coleta de dados por meio de um questionário sociodemográfico e análise de cruzamento de variáveis, além de qualitativas, como a realização de sete entrevistas narrativas com estudantes de diferentes idades que residem na casa. Os resultados revelam que a experiência anterior no mercado de trabalho, bem como as barreiras enfrentadas para manter-se no ensino superior, juntamente com a necessidade de trabalhar enquanto estudam, desempenham um papel significativo na maneira como esses jovens se percebem durante a transição para a vida adulta e no valor que atribuem à obtenção de um diploma universitário. Além disso, a convivência na casa do estudante, marcada por contradições, influencia a relação dos estudantes com a universidade. Por um lado, eles reconhecem a excelência acadêmica; por outro, sentem-se desvalorizados e desconsiderados. Para os estudantes mais jovens, a universidade e a obtenção do diploma são elementos fundamentais em seus projetos de vida e na transição para a vida adulta. Esses resultados indicam que o processo de transição, vinculado à ideia de projeto, esbarra nas incompatibilidades entre aquilo que é idealizado e imaginado com as condições estruturais, sociais e culturais vinculadas à origem de classe e ao que, de fato, as políticas possibilitam no decorrer das trajetórias individuais. Além disso, destacam a complexidade dessa fase da vida e como as experiências no ensino superior e no mercado de trabalho desempenham um papel crucial na formação das aspirações e identidades dos estudantes.

Palavras-chave: Transição para a vida adulta; Assistência Estudantil; Acesso e permanência no ensino superior; Aspirações profissionais; Estudantes de classes populares.

ABSTRACT

This work investigates the influence of entering higher education on the process of transition to adulthood, exploring the effects resulting from the prolongation of schooling in the formation of life projects based on the professional aspirations of University students. Using a student's house as a setting, the research employs quantitative techniques, including data collection using a questionnaire sociodemographic and cross-variable analysis, in addition to qualitative ones, such as achievement of seven narrative interviews with students of different ages who live in the house. The results reveal that previous experience in the job market, as well as barriers faced to remain in higher education, along with the need to work while they study, play a significant role in how these young people perceive yourself during the transition to adulthood and the value they attribute to obtaining a college degree. Furthermore, coexistence in the student's house, marked by contradictions, influences the relationship between students and the university. On the one hand, they recognize academic excellence; on the other hand, they feel devalued and disregarded. For younger students, university and obtaining a diploma are fundamentals elements in their life projects and in the transition to adult life. These results indicate that the transition process, linked to the project idea, comes up against incompatibilities between what is idealized and imagined with structural conditions, social and cultural aspects linked to class origin and what, in fact, policies enable in the course of individual trajectories. Furthermore, they highlight the complexity of this phase of life and how experiences in higher education and the job market play a role crucial in shaping students' aspirations and identities.

Keywords: Transition to adulthood; Student Assistance; Access and permanence in higher education; Professional aspirations; Popular class students.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
NÃO É O DESTINO QUE CONTA, MAS O CAMINHO: UMA TRANSIÇÃO DE MAIS DE TRÊS MIL QUILÔMETROS	10
JUVENTUDES, TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA E ESCOLARIDADE.....	11
CONTEXTUALIZANDO OS OBJETIVOS DA PESQUISA.....	13
UNIVERSO EMPÍRICO E TRILHAS METODOLÓGICAS	16
MAPEANDO JUVENTUDES EM TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA NO CONTEXTO DA CASA DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO	20
CONTRUINDO FUTUROS POSSÍVEIS.....	23
DAS ENTREVISTAS E DOS ENTREVISTADOS: A TENSÃO ENTRE OS OBJETIVOS E OS OBSTÁCULOS	23
NO MEIO DO CAMINHO HAVIA UM UNIVERSIDADE	27
Eu tinha na cabeça que ‘a pessoa bem-sucedida é uma pessoa que estuda’. Se você estudar, as portas vão se abrir.	29
Condição de estudante universitário e os reajustes	32
Para sair da pobreza não havia outro caminho se não o de entrar na universidade.....	34
REFLEXÕES SOBRE O PRESENTE NARRADO, O PASSADO RESSIGNIFICADO E O FUTURO QUE SE ABRE.....	37
CONCLUSÕES.....	40
REFERÊNCIAS	43
APÊNDICES A - Tópicos das entrevistas.....	46
APÊNDICES B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE ...	48
ANEXOS A – Questionário sociodemográfico.....	51

INTRODUÇÃO

Este trabalho se insere no contexto de outros estudos em Sociologia da Juventude e Sociologia da Educação que buscam discutir a influência exercida pelo ingresso no ensino superior no processo de transição para a vida adulta, analisando os efeitos produzidos pelo prolongamento da escolaridade na construção de projetos de vida a partir das aspirações profissionais de estudantes universitários residentes de uma moradia estudantil que ingressaram neste nível de ensino após as políticas públicas e ações institucionais de relativa ampliação do acesso e permanência no ensino superior nos últimos anos no Brasil.

Dentro desse contexto, de que maneira ocorre a transição para a vida adulta entre estudantes que ingressaram mediante políticas de ampliação de acesso à universidade e de que modo suas trajetórias repercutem em seus projetos de vida e aspirações profissionais?

NÃO É O DESTINO QUE CONTA, MAS O CAMINHO: UMA TRANSIÇÃO DE MAIS DE TRÊS MIL QUILOMETROS

As Ciências Sociais não apenas me fizeram atravessar o país, mas mudaram o meu modo de ver o mundo e a mim mesma. Na mala, alguns livros de valor afetivo, uma caneca, roupas quentes e uma expectativa que aquecia meu peito, bagunçava meus pensamentos e gelava meus pés. Ao fazer a última conexão com destino à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, não fosse pelo assento que outra pessoa ocupava, quase decolei no voo errado. Mas meu rumo já estava trilhado, eu sabia aonde deveria ir, embora ainda não soubesse como chegar lá.

Eu não poderia escrever esse que é o meu último texto dessa trajetória na graduação sem falar de mim, que sou ao mesmo tempo pesquisadora e “objeto” da pesquisa. Por isso, me situar neste trabalho e no que me moveu até aqui é fundamental para entender as motivações deste estudo e como esse objeto de pesquisa ecoa não só na descoberta de um mundo que eu sequer supunha que iria experienciar, mas que me permitiu compreender, a partir das lentes de análise da Sociologia e de uma vida vivida em uma casa do estudante, que eu não sou uma exceção e não sendo, eu não estou só. Eu escolho a palavra “viver” de propósito, porque insistem em ver essa política de permanência como um teto cedido de favor, a qual deveríamos ser eternamente gratos só por ter onde morar. A vida dentro deste lado menos visível da universidade, com suas inúmeras contradições, repleta de dificuldades e negligências institucionais, foi um divisor de águas. O que poderia ser uma barreira a menos na direção de um ideal de vida, revelou-se um novo desafio, tanto no sentido da permanência qualitativa e da manutenção do engajamento em seguir em frente, quanto no sentido da pesquisadora que eu buscava ser.

Ao praticamente viver na Instituição, somos obrigados a nos apropriar e manejar o que ela tem de mais paradoxal, por trás da imagem de abertura de igualdade no acesso e maior democratização desse espaço, do lado de cá a experiência é de que da porta para dentro esse discurso se enfraquece. Meus pares e eu sentimos no cotidiano os efeitos de serem o lado mais sensível e contraditório dos outdoors que publicizam uma excelência institucional que não se vê refletida nessas paredes. Se de um lado do campus há excelência e qualidade, do lado de cá essa imagem se desmancha, e ainda assim nós seguimos. Nunca esquecemos que, para perseguir nossos anseios, devemos ser tanto o pilar que sustenta nossa vontade quanto as paredes que parecem prestes a desabar sobre nós a qualquer momento.

Quando ingressei nas Ciências Sociais eu trabalhava em uma grande loja de departamentos em um shopping center. Eram 50h semanais de trabalho, 3h horas de trajeto, único tempo que eu tinha para acompanhar minimamente as leituras que o curso exigia, o que eu conseguia ler não era nem de longe o suficiente. Por conta disso, meu primeiro semestre foi um acúmulo de fracassos e muito cansaço. Não seria possível fazer os dois, ou trabalhava ou estudava. Mas em uma dessas leituras, a que me fez perder o ponto de parada, mas achar o ponto de partida, eu tive um insight que mudou tudo. Hoje não saberia dizer se era Pierre Bourdieu ou Bernard Lahire, mas sei que aquela leitura falava sobre mim e sobre os que, assim como eu, se sentiam estrangeiros deslocados e constrangidos nesse novo mundo. Ali eu soube que todo o meu background familiar, a minha casa, o meu passado na escola, os meus amigos, os meus professores, tudo aquilo me acompanhava nesse novo modo de ser estudante de classe popular. Nesse momento eu fui tomada pela necessidade de me apropriar do que aquela Sociologia estava colocando diante de mim: fazer dessa experiência de ser a primeira estudante universitária de uma família pobre, um engajamento intelectual que me movesse na direção de produzir sentidos sobre essa experiência, que embora tenha suas nuances individuais, é acima de tudo uma experiência coletiva.

JUVENTUDES, TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA E ESCOLARIDADE

A abordagem sociológica adotada aqui é a de juventude como um recorte biográfico que vai além da emergência da puberdade física à aquisição da plena emancipação familiar e da saída do sistema escolar para a inserção laboral. A transição, além da profissional e familiar, é composta por uma rede complexa de dispositivos institucionais e percursos biográficos que conduzem os jovens a assumir posições sociais capazes de projetá-los como sujeitos autônomos nos âmbitos profissional, familiar, entre outras esferas sociais,

considerando as desigualdades sociais que se descortinam nos percursos de suas conquistas (CASAL; MERINO; GARCIA. 2011).

Tendo em vista que as transições são condicionadas pelo contexto social, tomada de decisão dos indivíduos e pelo *campo de possibilidades* atrelado às políticas sociais, origem social e familiar (CASAL; MERINO; GARCIA. 2011), esse estudo se soma às pesquisas sociológicas em um esforço analítico que busca refletir como as desigualdades sociais se refletem nas desigualdades de realizações. Para isso, é fundamental identificar os itinerários básicos dos estudantes que compõem o universo empírico deste estudo, captando como se deram as tomadas de decisão e as oportunidades de transição profissional e familiar, bem como no estabelecimento de relações com a estrutura social e na construção de expectativas e oportunidades.

As instituições educacionais contribuem para a consolidação, ampliação ou restrição das expectativas de seus estudantes ao considerarem o seu próprio futuro como adultos. Nesse sentido, o ensino superior desempenha um papel fundamental na formação das expectativas de mobilidade social e nas ações orientadas para adquirir independência familiar e econômica, dimensões que abrangem aquilo que os estudos sobre juventude definem como transição para a vida adulta (CAMARANO, 2006; CASAL, 1996; COLL, 1989; PIMENTA, 2001; PIMENTA, 2017).

As instituições, através do enlace entre tempo social e tempo de vida, possibilitam o reconhecimento da linearidade das fases biográficas. A passagem progressiva pelas instituições contribui para conceber a juventude como uma fase de transição, em que há a superposição da identidade social e da identidade individual.

Alcançava o estatuto de adulto aquele que tivesse percorrido o trajeto que previa, em uma sucessão rápida, “fases” como a conclusão dos estudos, a inserção no mundo do trabalho, o abandono da casa dos pais para morar independentemente, a construção de um núcleo familiar autônomo, o nascimento dos filhos e a aposentadoria. Atualmente, essa jornada biográfica, que costumava proporcionar uma transição previsível para a vida adulta, se tornou uma exceção.

Para os jovens, o processo de desinstitucionalização do curso da vida, que arrasta consigo igualmente o conceito de “biografia normal”, comporta o desaparecimento de um aspecto até aqui determinante na reflexão sobre a condição juvenil: a identificação da juventude como um conjunto de etapas, socialmente normativas, que conduzem progressivamente em direção ao mundo adulto (LECCARDI, 2005).

Tendo em vista que a passagem pelas instituições de ensino representa uma etapa relevante para o percurso até a fase adulta, as políticas educacionais de expansão do acesso

ao ensino superior foram relevantes para as juventudes e para as condições juvenis no sentido em que permitiram a diferentes grupos historicamente situados nos estratos inferiores da hierarquia social a experiência de não apenas poderem aspirar melhores colocações no mercado de trabalho a partir da escolarização, mas possibilitar o acesso a um espaço que corrobora com a construção de suas identidades.

Embora a condição de estudante abranja públicos de diversas faixas etárias, é uma condição fortemente associada à juventude, desse modo é possível perceber as ações de Estado, através das políticas educacionais de ampliação do acesso ao ensino superior, como iniciativas que promovem o alargamento da etapa de transição, postergando a entrada na vida adulta. Nesse sentido, experienciar a etapa transitória da condição juvenil é estar situado no espaço possível do vir a ser (BOURDIEU; PASSERON, 1968), ou seja, um espaço possível para a construção de projetos de vida.

Segundo Pimenta (2017), a transição para a vida adulta não é um processo que se desenvolva à revelia dos sujeitos, mas depende, em grande parte, das escolhas e orientações que cada jovem dará à sua trajetória. E ainda, que essas escolhas estão diretamente ligadas ao campo de possibilidades (ELIAS, 1994), e as relações sociais intercambiáveis dos jovens com o mundo social mais amplo. Com esse conceito, Elias se refere às formas de ser e agir desses indivíduos no interior das estruturas sociais. Dessa forma, entendo essa noção como um operador analítico fundamental para as reflexões realizadas ao longo desse estudo.

Nessa direção, é preciso refletir e analisar o papel que o sistema educacional e os projetos de escolarização exercem na transição para a vida adulta, levando em conta o espaço limitado de escolhas, as restritas possibilidades de mobilidade social e, ainda que limitada, a margem de autonomia que as oportunidades educacionais proporcionaram a determinados grupos sociais historicamente excluídos do nível superior de ensino, até então restrito às camadas médias e altas da sociedade brasileira. As políticas de expansão alargaram o campo de possibilidade desses grupos que, a partir dessas políticas, lograram viver o presente em função do futuro, construindo uma nova identidade pessoal ao se lançarem em direção às ações cujos efeitos serão alcançados no porvir.

CONTEXTUALIZANDO OS OBJETIVOS DA PESQUISA

Analisar a transição para a vida adulta requer um acompanhamento das principais mudanças estruturais, econômicas, culturais e sociais que ocorrem em um determinado contexto e uma compreensão dos modos como essas mudanças impactam na juventude. No modelo tradicional de transição, a conclusão no ensino médio é considerada um dos

marcadores da transição para a vida adulta junto com o ingresso no mercado de trabalho, a saída da casa dos pais, casamento e maternidade/paternidade. Essa etapa de ensino figurava entre os limites da escolarização das classes populares com pouco ou nenhum capital escolar e cultural (ZAGO, 2000), em que acessar níveis mais elevados de ensino não fazia parte dos horizontes de possibilidades.

Se para as famílias de camadas superiores e portadoras de grande capital escolar não é possível pensar a transição para a vida adulta sem a execução de projetos escolares que passem pela formação em nível superior (PIMENTA, 2017, p. 436), para as famílias de classes populares essa transição se concentrava principalmente na entrada no mercado de trabalho, cenário que tem se alterado a partir da relativa massificação do ensino superior no Brasil nos últimos anos (NEVES et al, 2011; SENKEVICS, A. S.; MELLO, 2019; ZAGO, 2006). As políticas de expansão do acesso e permanência possibilitam aos jovens com baixo capital cultural a construção de projetos escolares longevos e o adiamento da inserção no mercado de trabalho, elementos que vêm configurando novos arranjos sociais.

Se considerarmos o processo de transição como uma fase de preparação para assumir os papéis de adulto, o aumento do nível de escolaridade para obtenção de melhores condições de trabalho e remuneração torna-se parte dessa dinâmica, sendo a formação superior essencial na construção de um projeto de futuro. Com novas possibilidades em relação ao futuro, a expansão do sistema de ensino superior contribuiu significativamente para as trajetórias juvenis, repercutindo nos tempos de transição para a vida adulta.

Nessa perspectiva, de que maneira ocorre a transição para a vida adulta entre estudantes que ingressaram mediante políticas de ampliação de acesso à universidade e de que modo suas trajetórias repercutem em seus projetos de vida e aspirações profissionais?

A motivação para estudar este tema tem origem nas minhas vivências sociais enquanto jovem que, na contramão das trajetórias comuns daqueles de origem popular como eu, concluí a educação básica e, ao invés de me resignar com uma imediata inserção no mercado de trabalho, exercendo funções restritas à escolarização média até então alcançada, percebi no diploma de nível superior uma possibilidade de construção de um futuro melhor diferente daquele até então apresentado como único caminho possível. Com isso, busquei conciliar a necessidade de exercer uma atividade remunerada para dar suporte financeiro à minha família com a busca por uma vaga no ensino superior. O ingresso só foi possível, conforme já delineado, mediante políticas públicas de ampliação e reserva de vagas nas universidades federais, como aquelas criadas através da Lei Federal 12.711/2012, do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) e das ações de

permanência estudantil implementadas após a criação da Política Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), vigente desde 2010.

Diferentemente de jovens pertencentes às classes médias e altas, esse ingresso não se deu de forma subsequente ao término do ensino médio, sendo efetivado após sucessivos vestibulares, estando eu com 23 anos, idade em que muitos dos meus colegas de escola — e de origem social — já haviam se inserido no mercado de trabalho e/ou estavam iniciando o processo de constituição de suas próprias famílias. Cenário que insinuou, do ponto de vista sociológico, um adiamento da entrada na vida adulta e uma continuidade da minha condição juvenil, apoiado na ideia de juventude como esse período de transição para autonomia profissional e familiar, mediante o prolongamento da escolarização (PERALVA, 1997).

É importante destacar que, embora eu visse no investimento educacional uma oportunidade de romper destinos até então selados para jovens de famílias pobres e pouco escolarizadas, meu ingresso em um curso de licenciatura em Ciências Humanas não poderia atuar como meio de ascensão social, tendo em vista ser essa uma carreira com baixos salários e pouco reconhecimento social. Realidade que pode ser observada em uma pesquisa realizada em 2018 pela Organização Todos Pela Educação. De acordo com o estudo, que entrevistou mais de 2160 professores de todo país, 49% dos docentes não indicariam a carreira de professor para um jovem (TPE, 2018).

Em contraste com o que vem sendo demonstrado por investigações da Sociologia da Educação, sobre as escolhas estratégicas de famílias portadoras de capital cultural e escolar, que orientam seus filhos para cursos superiores com diplomas valorizados social e economicamente (NOGUEIRA, 2011), a minha escolha de curso, naquele momento, não contou com a participação familiar e tampouco foi uma ação orientada para formação profissional, tendo maior relação com as chances reais de ingresso, por conta da densidade de vagas por candidato. Em suma, a minha pretensão de um diploma universitário se vinculava a um percurso de construção de projeto de vida e uma preparação para a vida adulta, o que me permite afirmar que havia uma “adequação das expectativas subjetivas às chances objetivas” (BOURDIEU, 1990. p. 23).

A diferenciação no acesso aos títulos, com uma maior valorização dos bacharelados em detrimento das licenciaturas demonstra que, embora o ensino superior público esteja envolto por parâmetros de igualdade e legitimidade, seu funcionamento é afetado por fatores externos ao sistema meritocrático (PRATES; BARBOSA, 2015). Além disso, as políticas de expansão do acesso ao ensino superior ocasionaram uma inflação dos diplomas universitários e, conseqüentemente, uma desvalorização desses. Essa desvalorização do diploma reflete a

perspectiva apresentada por Pierre Bourdieu ao apontar que um dos efeitos dessa desvalorização de títulos não se resume exclusivamente à inflação dos diplomas, mas tem influência significativa de fatores relacionados à origem social dos seus portadores.

Há a desvalorização pelo simples efeito da inflação e, ao mesmo tempo, também pelo fato de se modificar a "qualidade social" dos detentores dos títulos. Os efeitos da inflação escolar são mais complicados do que se costuma dizer: devido ao fato de que os títulos sempre valem o que valem seus detentores, um título que se torna mais frequente torna-se por isso mesmo desvalorizado, mas perde ainda mais seu valor ao tornar-se acessível a pessoas sem "valor social". (BOURDIEU, 2003, p. 156)

Essa abordagem sugere que a estrutura do sistema de ensino superior, embora pareça evoluir em direção a uma maior democratização, ainda não conseguiu proporcionar condições de equidade entre os estudantes com diferentes origens sociais. Nessa direção, os estudos voltados a analisar a estratificação horizontal no interior dos sistemas de ensino têm permitido identificar a manutenção de padrões, as mudanças e os impactos das políticas de expansão e inclusão voltadas para o ensino superior.

Pesquisas realizadas a partir da Sociologia da Educação e Sociologia das Profissões, como as de Medeiros e Galvão (2016), Rodrigues (2024) e Vargas (2010), têm demonstrado que, apesar das mudanças no sistema de ensino superior, não houve alterações significativas no perfil social dominante dos estudantes que ingressam nos cursos voltados a carreiras socialmente valorizadas, como medicina, direito e engenharia. As políticas para a educação superior impactaram de forma distinta as áreas do conhecimento, no entanto, esses mesmos estudos mostram que houve um aprofundamento das desigualdades no acesso às credenciais educacionais nos cursos de medicina, bacharelados e direito.

Desse modo, é notória a influência que as variáveis socioeconômicas, raciais e o capital cultural familiar operam na estrutura de oportunidades que o acesso aos diplomas confere. Uma vez que o sistema superior de ensino é um espaço fundamental para a seleção, a exclusão e o controle do acesso às carreiras, as expectativas quanto às possibilidades de acesso têm exigido de muitos estudantes a mobilização de estratégias quanto às chances reais de acessar e permanecer nos cursos de graduação pretendidos.

UNIVERSO EMPÍRICO E TRILHAS METODOLÓGICAS

No conjunto das ações estatais voltadas à educação, as políticas de ações afirmativas - recentemente levadas a cabo no Brasil - ganham centralidade por transformarem significativamente o perfil dos estudantes das universidades federais, pois viabilizou a ampliação do acesso e permanência de jovens na educação de nível superior. As Ações

Afirmativas nas universidades federais foram debatidas antes da Lei de Cotas (Lei nº12.711) em 2012. De 2007 a 2012, diferentes IFES estavam implementando cotas sociais e/ou raciais, seguindo critérios específicos em cada universidade. Dentre elas, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que desde 2008 já havia implantado cotas sociais/raciais, reservando uma porcentagem das vagas do seu Concurso Vestibular para estudantes autodeclarados Pretos, Pardos e Indígenas (PPI) que tivessem cursado metade do ensino fundamental e todo o ensino médio em escolas públicas (WASEM, 2020). Em 2012, a legislação unificou esses procedimentos e os critérios para o acesso ao Sistema de Ações Afirmativas em todas as IFES, incluindo o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES).

Quanto ao PNAES, que tinha como diretriz central suprimir “as desigualdades sociais e regionais, bem como sua importância para a ampliação e a democratização das condições de acesso e permanência dos jovens no ensino superior público federal” (BRASIL, 2010), este apresentou entre suas principais áreas de atuação a moradia estudantil e, com isso, além de possibilitar formas de ingresso mais equânimes, o desenho da política compreendia que se houver um local adequado para moradia, o estudante poderá permanecer e se diplomar. A partir desse quadro, o perfil dos universitários se modifica, sendo perceptível no interior das universidades essas mudanças sociais (ARTES; RICOLDI, 2015; SENKEVICS; MELLO, 2019; RABELO, 2017).

Tomando como ponto de partida as discussões anteriores e considerando os diversos públicos atendidos por essas políticas, o cenário desse estudo está situado em uma Casa do Estudante, a partir do entendimento de que as moradias estudantis são a materialização das ações de acesso e permanência, que tem garantido não apenas o ingresso ao ensino superior, mas também a possibilidade de ampliar o horizonte de escolhas quanto às instituições federais de ensino, por meio da mobilidade proporcionada pelo Sistema de Seleção Unificado (SISU), oportunizando aos estudantes de classes populares de diversas regiões do país a chance de permanecer e alcançar o tão almejado diploma universitário.

O universo da pesquisa é composto por 304 estudantes que residem em uma moradia estudantil da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, público atendido pela PNAES. O subconjunto desse universo é composto por uma amostra de 123 estudantes, que responderam a um questionário por mim elaborado, com idades entre 19 a 39 anos. Os estudantes dessa moradia representam um grupo diversificado em termos de origens geográficas, idades, cursos, raça e gênero. Isso é importante pois me permitiu capturar uma ampla gama de perspectivas e experiências.

A UFRGS possui quatro Casas do Estudante (CEU) que totalizam 584 vagas. Com exceção da Casa do Estudante *campus* Centro, as outras possuem critérios específicos de seleção e dispõem de um certo grau de autonomia em sua administração interna. Limitei o universo de pesquisa para uma dessas moradias, a Casa do Estudante Universitário *campus* Centro (CEU), por essa ter critérios de seleção fixos e vinculados à legislação federal, sendo que suas vagas são destinadas a estudantes com perfil socioeconômico condizente com o definido no Art. 5º do Decreto nº 7234/2010, que dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), além de estipular no seu edital que só estão aptos a participar da seleção estudantes que não possuem diploma de graduação. Acrescido a isso, levei em consideração seu formato de gestão, de responsabilidade da Administração da Divisão de Moradia Estudantil (DME), os limites de um trabalho de conclusão de curso e, não menos importante, por eu mesma ser uma estudante atendida pela política de permanência e residente nesta moradia, recurso sem o qual não teria sido possível cursar uma graduação, quanto mais chegar nesta etapa de conclusão.

É importante mencionar que a minha experiência e vínculo com o universo de pesquisa são dimensões que colaboraram com as motivações dessa investigação e possibilitaram as condições de sua realização. Essa condição, ainda que possa ter suas vantagens, como uma melhor inserção em campo e por possibilitar uma maior capacidade de alcance na obtenção dos dados, foi desafiadora no sentido interpretativo e do necessário cuidado em lançar um novo olhar para o contexto, atento ao equilíbrio entre o lugar que estou situada no universo empírico, como estudante universitária que também reside neste lugar, e como pesquisadora que o examina sob as lentes interpretativas das Ciências Sociais.

A metodologia contou com duas etapas, a primeira envolveu uma dimensão quantitativa, com a aplicação de um questionário online, para ser autopreenchido por estudantes de diferentes cursos que estavam residindo ou em processo de mudança dessa moradia estudantil (anexo 1). O objetivo do questionário foi mapear o perfil dos atuais residentes da casa, a partir do levantamento de características tais como: gênero, raça/cor, faixa etária, origem geográfica, tipo de escola frequentada no ensino médio, intervalo de tempo entre o término da escolarização obrigatória e o ingresso no ensino superior, número de vezes que prestou vestibular, modalidade de acesso na universidade (se por reserva de vaga ou ampla concorrência), curso frequentado e se exercem ou exerceram alguma atividade remunerada durante a graduação e qual o formato do vínculo trabalhista.

A segunda etapa do estudo envolveu uma abordagem qualitativa com a realização de sete entrevistas junto a estudantes universitários moradores da referida residência estudantil,

realizadas entre maio e julho de 2023. A técnica das entrevistas combinou a flexibilidade e abertura das entrevistas do tipo narrativas com a estrutura direcionada das semiestruturadas. A escolha por esses tipos combinados de entrevistas se alinha aos objetivos do estudo, uma vez que, de acordo com Flick (2009, p. 164), as narrativas permitem acesso à subjetividade e permitem ao pesquisador abordar o mundo empírico até então estruturado do entrevistado, de forma ampla e profunda.

A combinação das duas técnicas possibilitou obter uma visão ampla do fenômeno, equilibrando a análise quantitativa dos dados agregados com a compreensão qualitativa das experiências individuais. Isso não apenas forneceu uma compreensão mais completa do tema, mas também permitiu uma validação cruzada dos resultados, ajudando a enriquecer a condução e as análises do estudo. A abordagem quantitativa possibilitou mapear o perfil dos atuais residentes da moradia estudantil, identificando diferentes características sociodemográficas, bem como a obtenção de dados estatísticos capazes de revelar tendências gerais e padrões que pudessem ajudar a contextualizar o estudo. O método qualitativo, por meio das entrevistas, trouxe uma dimensão mais profunda à pesquisa. Ao conduzir entrevistas semiestruturadas, combinada à flexibilidade das entrevistas narrativas, foi possível explorar as experiências individuais, perspectivas e percepções destes estudantes, facilitando a apreensão da riqueza dos relatos.

MAPEANDO JUVENTUDES EM TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA NO CONTEXTO DA CASA DO ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO

Os moradores foram convidados a participarem do mapeamento por meio de grupos de WhatsApp e de divulgação via e-mail, feita pelo setor que administra a residência. Além disso, cartazes foram elaborados e fixados por mim em todos os andares e nas dependências de uso coletivo. Como afirmado anteriormente, dos atuais 304 moradores, 149 responderam ao questionário. A partir da exclusão de 26 que continham respostas imprecisas, incluindo datas com erros de digitação, foram considerados válidos 123. A amostra é representativa do conjunto de estudantes moradores dessa residência estudantil, pois corresponde a mais de 40%. Sendo assim, os resultados obtidos podem ser generalizados para essa população específica.

Com base nas respostas do levantamento, realizei análises estatísticas e exploratórias, utilizando a ferramenta de linguagem de programação Python, que permitiu cruzar características, construir categorias e identificar padrões da amostra.

A análise dos questionários e subsequente combinação dos dados proporcionou informações relevantes sobre o perfil sociodemográfico do grupo em estudo. Conforme quadro abaixo (Figura 1), os estudantes com idades entre 24 a 28 anos correspondem a 38,21% dos residentes, seguidos dos estudantes com idades entre 19 a 23, 34,95%. Já os estudantes com idades entre 29 a 33 e 34 a 39, correspondem, juntos, a 26,82%.

Figura 1 - Distribuição da amostra por faixas de idades

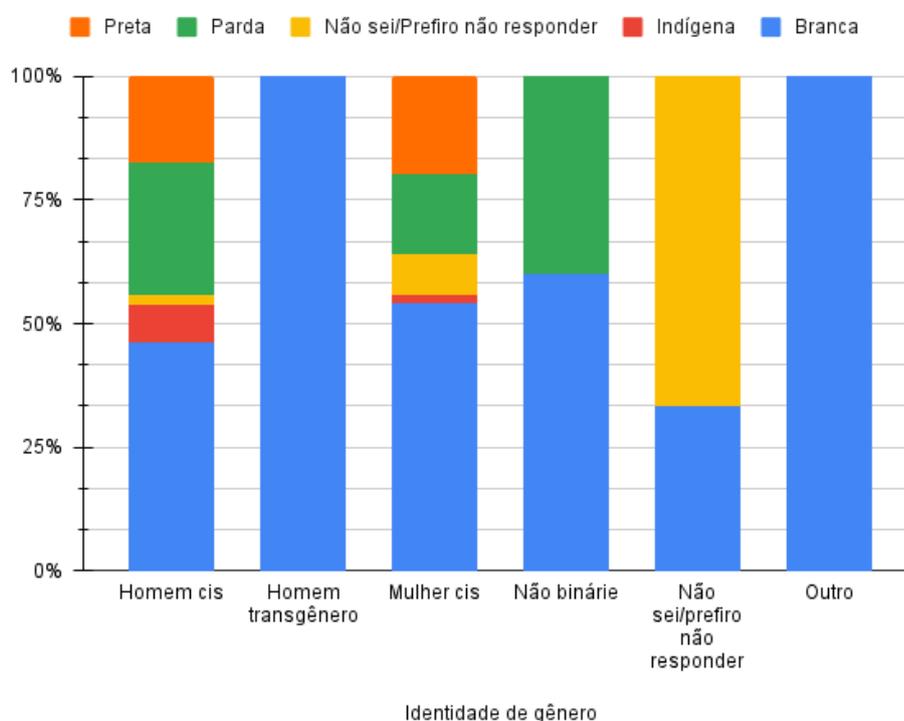
Faixa de Idades	Frequência absoluta	Frequência relativa
Entre 19 a 23 anos	43	34,95%
Entre 24 a 28 anos	47	38,21%
Entre 29 a 33 anos	26	21,13%
Entre 34 a 39 anos	7	5,69%
Total	123	99,98%

Fonte: Elaboração própria

Os dados ilustram a diversidade de identidades de gênero e étnicas presentes entre os estudantes participantes do estudo (Figura 2) com 49,6% deles se identificando como mulheres cisgêneros, enquanto 42,3% como homens cisgêneros. A presença de indivíduos não binários corresponde a 4,1%, e uma pequena parcela, 0,8%, se identificou como homens transgêneros/transsexuais. Notavelmente, 3,2% dos participantes optaram por não divulgar sua identidade de gênero ou indicaram não saber.

Em relação à autodeclaração étnico-racial, os dados demonstram uma variedade significativa. A maioria dos participantes, 51,2%, se identifica como brancos, enquanto 21,1% se identificam como pardos e 17,1% como pretos. Além disso, 4,1% dos participantes se identificam como indígenas, refletindo uma composição diversificada do grupo. Houve ainda um percentual de 6,5% que preferiu não responder ou não soube informar sobre sua identidade étnica. Na figura abaixo é possível visualizar a representação gráfica dos dados descritos.

Figura 2 - Representação étnico-racial e identidade de gênero



Fonte: Elaboração própria

No que diz respeito às origens geográficas, 68,2% são da região Sul, 18,7% do Sudeste, 4,8% do Nordeste, 1,6% do Norte e 0,8% do Centro-Oeste. Além disso, 5,7% dos respondentes são naturais de outros países.

No que se refere às áreas do conhecimento escolhidas pelos estudantes da região Sudeste, constata-se uma distribuição diversificada. A maior parte, correspondendo a 30,4%, concentra-se no campo das Ciências da Saúde. Ademais, 13,04% possuem vínculos tanto com as Ciências Sociais quanto com as Ciências Naturais e Exatas. Em sequência, 8,7% escolheram áreas diversas para aprofundar seus estudos. Estes campos englobam Engenharias e Tecnologias, Administração e Arquitetura e Urbanismo. Observa-se, igualmente, que 4,34% têm afiliação semelhante em áreas que abrangem Ciências Jurídicas, Ciências Agrárias,

Comunicação e Humanidades. Já os estudantes oriundos da região nordeste, 50% são das Ciências da saúde, enquanto 16,6% estão respectivamente vinculados às áreas Ciências Jurídicas, Ciências Aplicadas e Engenharia e Tecnologias. Para as regiões Norte e Centro-Oeste, englobam Ciências Aplicadas, Ciências Agrárias e Ciências da Saúde.

No que diz respeito à região Sul, que compreende o maior quantitativo da amostra, 26% são vinculados às Ciências da Saúde, 21% às Humanidades, 18% Engenharias e Tecnologias, 12% Ciências Sociais. Os demais, em menor número, se distribuem nas demais áreas do conhecimento.

CONTRUINDO FUTUROS POSSÍVEIS

A análise permitiu explorar as circunstâncias e as estratégias que antecederam o ingresso na universidade, as necessidades, as experiências e as perspectivas dos estudantes quanto aos seus projetos de futuro profissional. O cruzamento de elementos através das variáveis do questionário apontou a relação com o tempo como uma das orientações chaves para a identificação de perfis para compor a próxima etapa da investigação, formada por entrevistas que combinam técnicas narrativas organizadas a partir de eixos temáticos das entrevistas semiestruturadas.

DAS ENTREVISTAS E DOS ENTREVISTADOS: A TENSÃO ENTRE OS OBJETIVOS E OS OBSTÁCULOS

A partir da análise dos dados, verificou-se um universo diversificado de estudantes oriundos das regiões sudeste, nordeste e sul, sendo esta última a região de origem da maioria dos respondentes. Assim, foi possível identificar dois perfis de estudantes: um grupo com uma trajetória que poderíamos chamar de “linear”, com ingresso no ensino superior se dando no ano seguinte ao término do ensino médio, e outro com uma trajetória “não linear”. Nesse segundo grupo, foram identificados estudantes com percursos escolares atravessados por interrupções em que, em alguns casos, o intervalo de tempo entre o término da escolarização obrigatória e a entrada na universidade chegou a ultrapassar dez anos. Além disso, os dados cruzados também indicaram que o grupo de indivíduos que levaram mais tempo para ingressar são os que levam mais tempo para concluir o curso.

Com o objetivo de explorar e compreender essa relação com o tempo e as dinâmicas que atravessam as experiências desses estudantes, bem como o lugar do diploma na construção de um projeto de futuro e suas aspirações profissionais, selecionei, dentre os 61 universitários que informaram seus contatos e demonstraram interesse em compor a etapa seguinte do estudo, um conjunto de 10 para integrar as entrevistas.

Concluída a delimitação dos perfis que integram a sub amostra da parte qualitativa do estudo, foram feitos contatos com estes estudantes. Embora todos tenham aceitado conceder as entrevistas, por questões de indisponibilidades de agendas e dificuldades em relação ao lugar onde elas seriam realizadas, como mencionarei mais adiante, sete (7) entrevistas foram agendadas e efetivamente realizadas. Busquei selecionar estudantes com idades entre 24 e 36 anos, a fim de explorar o contraste de experiências, tomando cuidado para que a diversidade de gênero, racial e geográfica assinalada pelos dados fosse retratada nos perfis de análise.

Esse grupo é formado por estudantes naturais das regiões Sul e Nordeste do país vinculados às áreas das Ciências da Saúde, Engenharia e Tecnologias, Ciências Jurídicas e Licenciaturas. Em vista dos impasses mencionados anteriormente, não foi possível entrevistar estudantes das regiões Sudeste e Norte.

Antes de dar prosseguimento às entrevistas, esclareci aos participantes os objetivos do estudo, expus previamente as questões que seriam colocadas, informando-os de que poderia desistir da participação a qualquer momento, e caso desejassem, poderiam se recusar a responder quaisquer umas das questões do roteiro. Na sequência, informei-os sobre as questões éticas do estudo, garantindo o sigilo da identidade dos entrevistados, o acesso restrito às gravações e que ao fazer menção a cada um deles ao longo do texto, seria utilizado um esquema de códigos. Nesse ponto, os próprios entrevistados propuseram pseudônimos de sua preferência. Levando em consideração a possibilidade de que meus entrevistados possam, conforme manifestação de alguns, no futuro, consultar os resultados deste trabalho, considerei apropriado referir-me a eles ao longo deste texto tanto pela codificação, quanto pelos pseudônimos que eles propuseram.

O quadro (Quadro 1) a seguir reproduz o perfil sociodemográfico de cada um dos entrevistados. Os dados apresentados foram obtidos através das narrativas dos estudantes e das respostas apontadas nos questionários. As características apresentadas no quadro permitem verificar a heterogeneidade do grupo estudado, bem como uma notável semelhança entre os perfis que se aproximam em termos etários.

Quadro 1 - Perfil sociodemográfico dos estudantes

	Elis	César	Felipe	Mateus	Mônica	Daniel	Otto
Identidade de gênero	Feminino	Masculino	Masculino	Masculino	Feminino	Masculino	Masculino
Raça/Cor	Branca	Preta	Branca	Parda	Parda	Branca	Pardo
Região	Nordeste	Sul	Sul	Nordeste	Sul	Sul	Nordeste
Idades	36 anos	32 anos	32 anos	36 anos	30 anos	25 anos	24 anos
Intervalo entre Ensino Médio e Ensino Superior	10	5	6	10	5	1	2
Número de vezes que prestou vestibular ¹	9	4	2	2	2	1	2
Idade ingresso Ensino Superior	30	23	23	28	24	19	18
Escolaridade dos pais	Ensino Médio	Nível Técnico/ Fundamental Incompleto	Analfabetos	Ensino Médio/ Fundamental Incompleto	Fundamental/ semianalfabeto	Mãe cursando Ensino Superior/ Pai falecido (iniciou curso superior)	Mãe curso superior
Profissão dos pais	Artesã	Auxiliar de Enfermagem/ Chapista	Agricultores	Costureira/ Representante comercial	Agricultores	Não soube informar	Professora
Curso	Medicina	Engenharia Civil	Letras (licenciatura)	Engenharia Cartográfica	Direito	Letras (Licenciatura)	Direito
Exerce atividade laboral	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim

¹ Processo seletivo específico para instituições federais de ensino
Todos os nomes são fictícios e foram escolhidos pelos próprios entrevistados

Fonte: Elaboração própria

Antes de realizar as entrevistas, ponderei se o ideal não seria propor que estas fossem fora das dependências da residência, levando em conta o possível efeito desfavorável do lugar nas narrativas dos entrevistados, uma vez que não há qualquer garantia de confidencialidade e

privacidade nos dormitórios diante do estado deteriorado da estrutura que separa os ambientes. Passados mais de 52 anos desde sua inauguração, o material em madeira utilizado na montagem dos roupeiros — que é também a base que delimita a divisão espacial dos 204 dormitórios — está completamente comprometido. A falta de manutenção e a ação de cupins ao longo dos anos comprometeu os componentes estruturais das divisórias, que hoje não passam de uma camada fina, seca e cheia de vãos, alterando significativamente as propriedades físicas dos quartos e a relação que os moradores têm com o local onde vivem.

Mesmo a Casa dispondo de outros dois espaços de uso coletivo, como a Sala de Reuniões e a Sala X, localizadas no 2º andar do prédio, não seria possível realizá-las nesses locais em virtude da própria dinâmica de agendas que envolve a etapa de entrevistas e ainda pelo fato de que durante o período em que elas seriam realizadas esses locais - que minimamente poderiam dispor de algum nível de conforto e sigilo - estavam indisponíveis para uso.

O contexto que acabo de descrever me colocou diante de uma situação contraditória e irônica, gerando uma situação intrigante em que a própria estrutura que deveria proporcionar a base para a pesquisa estava, na verdade, impedindo a realização completa do estudo. Isso revelou uma situação paradoxal em que a intenção de também entender os efeitos da moradia estudantil enquanto a materialização de uma política pública é bloqueada pela falta de condições tranquilas e adequadas oferecidas pela estrutura do lugar.

Distante de qualquer possibilidade de alterar as circunstâncias colocadas e com a ausência de alternativas praticáveis para conduzir as entrevistas em diferentes cenários, aceitei e ajustei a pesquisa à realidade cotidiana de quem, assim como eu, precisa equilibrar a vida acadêmica enquanto tenta adaptar essa experiência às dinâmicas colocadas pela precariedade estrutural de uma 'Casa do Estudante' que, sem dúvida nenhuma, conforme os próprios relatos dos entrevistados, interfere e compromete o desempenho acadêmico e o envolvimento pleno e satisfatório que um estudante deveria ter com a Universidade.

Em virtude disso, as entrevistas foram realizadas nos próprios dormitórios da residência, sendo que seis foram realizadas no meu próprio quarto e outra no dormitório do próprio entrevistado, localizado dois andares acima. Apesar do meu roteiro ser organizado de modo a abordar as dinâmicas institucionais no terceiro momento, o que inclui a própria experiência de ser um morador da Casa do Estudante, a solução encontrada foi fazer dessa situação desfavorável uma vantagem, utilizando-a como estratégia inicial para estabelecer conexões com os entrevistados, mesmo que isso implicasse reestruturar minha organização prévia. Nesse sentido, a discussão sobre o lugar e suas possíveis influências nas narrativas tornou-se o ponto de partida inevitável para nossa conversa.

Um aspecto significativo a ser mencionado sobre as circunstâncias das entrevistas diz respeito a relativa proximidade entre pesquisadora e entrevistados, uma vez que meus interlocutores são também meus vizinhos e colegas. Esse cenário trouxe inquietações e exigiu certa cautela no sentido de evitar uma possível interferência dessa relação durante as narrativas. Esse contato poderia afetar a naturalidade das falas ou produzir narrativas controladas e comedidas, o que empobreceria a qualidade das entrevistas.

Compartilhei essa observação com os meus interlocutores, argumentando estar ciente dos efeitos que isso poderia produzir em suas narrativas. Mas que desde o início do trabalho eu sabia que teria que lidar com eventuais desdobramentos dessa proximidade com o campo nos resultados da pesquisa. Como se verá adiante, essa proximidade produziu o inverso das minhas preocupações iniciais. Ao dar seguimento as entrevistas pude notar em meus interlocutores uma postura de seriedade e apreço, lançando sobre mim um olhar que expressava ao mesmo tempo a confiança e o respeito que depositavam tanto nesse trabalho quanto na pesquisadora diante deles.

Embora não se dessem conta, nesse momento eles me transmitiam um ensinamento que só um contexto de pesquisa como esse pode trazer, estar de tamanha forma inserida no objeto de estudo não o torna menos rigoroso e sério. Isso se reflete no nível de abertura e profundidade das narrativas produzidas nas entrevistas, sobretudo com os estudantes mais velhos. A importância que deram as reflexões feitas durante as nossas conversas foi expressa em um áudio de agradecimento e encorajamento que o meu último entrevistado me enviou logo que nos despedimos, onde mencionava a falta e a relevância que sentiu ao compartilhar sua história de vida e que a nossa conversa, de algum modo, o fez fazer as pazes com trechos do seu passado.

As entrevistas tinham como objetivo investigar as questões colocadas nos objetivos da pesquisa a partir de uma compreensão contextualizada, tendo em vista que as aspirações pessoais e o que condicionam os percursos biográficos de cada estudante são diversos. Busquei compreender de que modo as experiências individuais que antecedem o ingresso marcam a permanência e a manutenção do projeto de formação profissional, e como fatores como histórico escolar, familiar, contexto socioeconômico, regional e cultural repercutem no presente e na idealização de futuro.

As entrevistas individuais permitiram compreender essas nuances e contextos específicos, bem como contribuir para uma compreensão mais ampla do impacto das políticas de acesso ao ensino superior considerando a diversidade dos públicos que a acessam.

Os tópicos das entrevistas foram sistematizados em três eixos temáticos que integraram as perguntas geradoras: 1) O término do Ensino Médio e os acontecimentos que antecederam e

contribuíram para o ingresso no Ensino Superior, como se construiu a aspiração do diploma universitário, quais estratégias foram mobilizadas para o ingresso no curso e o que incentivou a escolha do curso; 2) Qual o lugar e o sentido do trabalho no período que antecede a entrada na universidade, a relação entre a condição de estudante, a formação profissional e o processo de transição para a vida adulta; e 3) As dinâmicas institucionais, os impactos do trabalho na experiência estudantil, os espaços de socialização universitária e suas implicações nas aspirações profissionais e nos processos de transição para a vida adulta. Uma sinopse dos temas discutidos nas entrevistas é apresentada no apêndice deste trabalho, por meio de um quadro descritivo.

NO MEIO DO CAMINHO HAVIA UM UNIVERSIDADE

Os dados apresentados nesta seção se referem sobretudo às entrevistas feitas com sete (7) estudantes que residem na Casa do Estudante da UFRGS. Vale mencionar que, ao analisar as entrevistas, busquei diferenciar as experiências dos estudantes examinando os possíveis contrastes em relação à construção das aspirações profissionais, campo de possibilidades, tempo biográfico e sua articulação com o espaço universitário, o que inclui a própria Casa do Estudante.

A noção de campo de possibilidades, proposta por Elias, ajuda-nos a compreender como esses jovens trilharam trajetórias que os diferenciam do grupo social de origem, buscando examinar como as relações, os lugares e as influências que receberam atuaram nessa diferenciação. E ainda, de que modo as políticas de educação atuaram no sentido de expandir seus horizontes, possibilitando que ocupassem espaços como os da universidade.

A partir da perspectiva de transição enquanto preparação para adquirir autonomia financeira, familiar, emocional — dimensão que envolve a construção de um projeto de futuro que pressupõe um investimento no presente — as narrativas permitiram investigar de que modo o acesso ao ensino superior repercutiu nos projetos de futuro, como esses estudantes reconfiguraram suas relações com o tempo e foram capazes de se projetar para novas possibilidades de vida profissional.

Procurei identificar em suas narrativas de que modo o vínculo com a instituição escolar e a experiência nos anos finais do ensino médio atuaram na projeção de si em direção a um futuro que pressupunha um investimento no presente. Partindo de um ponto em comum, todos os entrevistados, independente do gênero, raça e origem geográfica, iniciam suas falas com uma abordagem reflexiva e crítica em relação às suas origens sociais e de como as restrições derivadas das condições socioeconômicas e culturais exerceram um peso significativo em suas

perspectivas de futuro. Do mesmo modo, todos foram unânimes ao apontar a aspiração de acesso à educação superior como um balizador para “ser alguém na vida”. Ainda que a interpretação de cada um sobre esse “ser alguém” se distancie em alguns aspectos, foi possível captar a dimensão da possível mobilidade social articulada ao diploma.

A análise das entrevistas indica que o processo de transição, vinculado à ideia de projeto, esbarra nas incompatibilidades entre aquilo que é idealizado e imaginado com as condições estruturais, sociais e culturais vinculadas à origem de classe e ao que, de fato, as políticas possibilitam no decorrer das trajetórias individuais.

No tópico que em busquei explorar o período anterior ao ingresso, mais precisamente se o ambiente familiar e escolar - com ênfase no ano final do ensino médio -, produziu orientações voltadas para o acesso ao ensino superior, as narrativas revelam que, com exceção do perfil do estudante Otto (24), pelas razões que serão descritas a seguir, não houve uma atuação familiar e a influência dos professores, quando ocorreu, foi pontual e de reduzido alcance. Em certa medida, ao projetar um futuro melhor para si através da escolarização - nesse período imediatamente posterior à escolarização básica -, esses estudantes buscaram, de forma relativamente autônoma¹, descobrir e construir outras possibilidades de vida.

Apesar de vislumbrarem certo futuro, não dispunham suficientemente dos meios e instrumentos para efetivá-lo. Com o objetivo de alcançar uma “condição melhor” e “ser alguém na vida”, a educação fomentou as aspirações e os moveu em direção a possibilidades de ação e perspectivas de mudança de vida. Na busca por melhores condições de existência, a consolidação das políticas educacionais para a educação superior alterou os modos desses jovens viverem sua relação com o tempo, trazendo resultados importantes nos processos de reestruturação da relação entre jovens, tempo biográfico e tempo social que não se reduz à absolutização do presente imediato e à glorificação do “aqui e agora” (LECCARDI, 2005).

Um aspecto a ser mencionado é a escolha dos cursos dos entrevistados, que se concentram em carreiras profissionais consideradas de prestígio. Os cursos de graduação aos quais 5 dos 7 entrevistados estavam vinculados - na ocasião de realização da pesquisa - estão entre os cursos de maior prestígio no Brasil, ligados à formação de carreiras com maiores retornos financeiros. Ao selecioná-los para compor a etapa de entrevistas, não levei em conta o curso como um critério de escolha, mas sem dúvida, o fato de estarem matriculados em cursos

¹ Por relativamente autônoma estou me referindo a ausência de suportes institucionais, como a frágil de orientação para o acesso ao ensino superior quando ainda eram estudantes do ensino médio, e apoios familiares na construção desses projetos, tendo em visto o fraco capital escolar das famílias de origem, tomando como partida os relatos dos entrevistados.

que demandam uma intensa preparação para o ingresso, levando-se em conta a alta concorrência e que pressupõem uma melhor e mais rápida inserção profissional.

Esses estudantes estão tendo acesso a credenciais educacionais historicamente reservadas a uma pequena parcela da população, em que o valor social e o prestígio da carreira é objeto de disputa e está também ligado aos grupos dominantes da elite brasileira. A pesquisa desenvolvida por Medeiros e Galvão (2016) aponta a relação entre manutenção das hierarquias sociais e o acesso a diplomas que conferem títulos profissionais restritos a determinados segmentos da sociedade brasileira. O estudo revelou que as graduações em medicina, engenharia e direito são as mais dominantes entre as pessoas do grupo 1% mais rico da população brasileira. O valor social dessas credenciais, tratando-se de cursos voltados a formações profissionais que exercem grande expectativa quanto à etapa de formação e ao futuro profissional, foi outro elemento que norteou parte do roteiro das entrevistas, por supor que esses estudantes poderiam assumir um engajamento diferencial com o projeto educacional, trazendo novos elementos para a investigação.

Durante o período que antecedeu o ingresso no ensino superior, o grupo de estudantes com mais de 30 anos (Elis, César, Felipe e Mateus) vivenciou uma inserção no mercado de trabalho subsequente ao término do Ensino Médio. Por essa razão, estes estudantes experienciaram um período de relativa autonomia financeira, ainda que, exceto pela estudante Elis, por motivações que não serão mencionadas nesse trabalho, continuassem residindo com suas famílias de origem.

Eu tinha na cabeça que ‘a pessoa bem-sucedida é uma pessoa que estuda’. Se você estudar, as portas vão se abrir.

As dimensões que mais se destacam quanto à projeção de si em um futuro que pressupõe um investimento (do ponto de vista temporal, material e emocional) para ingresso no ensino superior foram o reconhecimento social e a mobilidade econômica. Elis (36) e Mateus (36), ambos da região Nordeste, enfatizam em suas narrativas o valor social que viam na educação. Mateus concluiu o ensino médio na rede pública e chegou a fazer um cursinho popular por seis meses. Aos 18 anos, apesar de desconhecer o campo profissional dessa área, prestou vestibular para o curso de Estatística em uma universidade federal. Naquela época o processo seletivo para ingressar nessa universidade era composto por duas fases. Mateus passou na primeira, e me conta que comemorou essa pequena vitória como se o ingresso estivesse garantido. Ao chegar para fazer a segunda etapa, uma prova com questões dissertativas, viu diante de si a ideia de futuro se fechando.

Então eu fui fazer a prova, eu passei na primeira, nossa, eu fiquei bem animado. Cheguei para fazer a segunda etapa, quando eu vi aquela prova toda aberta, eu falei, 'ah, eu não vou conseguir fazer isso'. Aí ali mesmo eu desisti do projeto de ir para uma federal. Aí eu começo a trabalhar.

Dos 18 aos 28 anos passou por inúmeros tipos de trabalho, tais como telemarketing, shoppings, financeiras, sempre atuando no setor do varejo. Por ser bem articulado com atividades que envolviam contato com o público, teve uma boa colocação no setor de cartões de crédito, sendo promovido para um departamento de empréstimos em um banco privado, onde trabalhou dos 22 aos 27 anos. Para um jovem com nível médio, nesse período recebia um salário relativamente bom. Mesmo submetido a um sistema de metas que ele considerava absurdas, que o exigia trabalhar de domingo a domingo, nunca renunciou à ideia de fazer um curso superior. Com isso, mesmo sem estudar, todos os anos fazia o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Nas suas palavras, tentava “na sorte”. Esse desejo de estudar estava tão enraizado que cogitou pagar uma faculdade privada.

E quando eu treinei no banco, eu comecei a ganhar um pouquinho mais, e eu tive uma condição melhor. Não assim, ideal, né? Mas melhor para pagar a faculdade. Eu falei assim, 'ah, não vou fazer mais vestibular para federal, porque eu não vou ter tempo de ficar na federal'. Eu tenho que trabalhar. E naquela época federal era pior que hoje, né? Eu trabalhava, eu estudava. Daí eu não fiz mais vestibular. Mas eu fazia o ENEM por fazer, para tentar a sorte.

O objetivo de Mateus era mais o esboço de um desejo do que um projeto em si, visto que este envolve uma relação programada com o tempo, demanda investimento e controle (LECCARDI, 2005). Sem se preparar para uma universidade pública e não dispondo de tempo para se matricular em uma faculdade privada, foi mantendo para si essa vontade e depositando na sorte a possibilidade de alcançá-la.

Durante as férias do trabalho no banco, recebeu o convite de um familiar que morava em Santa Catarina para conhecer o sul do país, o que incluía uma breve passagem por Porto Alegre, época que coincidiu com o período do vestibular da UFRGS. Através de um amigo, soube do processo seletivo, e o mesmo o provocou a se inscrever. Considerando que não tinha nada a perder, e sem grandes expectativas, candidatou-se para o curso de Engenharia Mecânica, uma escolha de curso que se vinculava à ideia de inserção profissional e melhores remunerações como ele me relatou ao longo da entrevista.

Por conta dos anos de experiência com o ENEM, considerou a prova relativamente fácil, sem contar que, diferentemente da universidade federal anterior, esse processo seletivo contava apenas com uma fase, o que produziu nele certa animação. No mês seguinte, já de volta ao banco, recebe a mensagem com a notícia da sua aprovação.

Quando saiu o Listão eu pensei ‘e agora?’ Cansado de trabalhar com metas, eu encerrei meu vínculo de trabalho e vim com a cara e coragem. Larguei tudo. Comecei do zero aos vinte e oito anos.

Essa mudança radical representou para Mateus - e para outros estudantes como ele - o espaço do possível, uma chance de construir o que poderiam ser. Ao renunciarem as vantagens que o presente vivido os oferecia, no caso do estudante Mateus, abrir mão de uma inserção no mercado de trabalho, os estudantes souberam identificar e aproveitar as oportunidades que se apresentaram naquele instante, encarando positivamente um futuro carregado de potencialidades (BAUMAN, 2001).

Assim como Mateus, o estudante César, natural do interior do Rio Grande do Sul, hoje com 32 anos, tem o período que antecede o ingresso na universidade marcado por trabalhos no setor do varejo, principalmente em grandes shoppings centers. Em seu relato, conta que o projeto de ingressar no ensino superior surgiu ainda no ensino médio, quando um grupo de universitários da Universidade Federal de Santa Maria realizou palestras sobre formas de ingresso e os tipos de cursos que a UFSM ofertava. Bem direto, conta que a escolha do curso ocorreu após ler um Almanaque da editora Abril sobre “profissões do futuro”, e ali viu que os cursos de engenharia tinham maior inserção no mercado com salários maiores.

Segundo ele, nas raras ocasiões em que o assunto sobre universidade era discutido na escola, as opções de cursos que os professores sugeriam pareciam se restringir às carreiras em licenciatura, o que não o animava, por considerar uma área com pouco retorno financeiro e sem muito prestígio social. Bom em matemática e mediano nas Ciências Humanas, idealizou o projeto de cursar engenharia, tendo pesquisado sobre Engenharia Naval, de Petróleo, Hídrica e Civil. César via no diploma universitário uma ferramenta de mobilidade social “eu queria sair do interior, ganhar um bom salário e me vestir bem.”

Sempre tinha uma coisa com o dinheiro, sempre. Eu posso gostar um pouquinho de uma área, mas sempre o que prevaleceu foi o dinheiro, e até hoje pra mim é o que prevalece. Essa coisa de ‘ah, ganha pouco mas faz o que gosta.’ Fazer o que gosta não enche barriga, não é assim que funciona muito.

Apesar da escolha decidida pelo curso e da certeza de que a mobilidade social só viria através da educação, entre 2007 e 2012, intervalo de tempo entre a educação básica e superior, em razão da necessidade de trabalhar, não pode investir nessa aspiração. O evento que o despertou dessa espécie de letargia aconteceu durante seu trabalho como auxiliar de segurança em um estacionamento de um shopping. Neste episódio duas moças estrangeiras passaram por ele e pediram uma informação.

Elas começaram a conversar comigo, queria saber onde era o cinema. Eu falei em inglês com elas, elas ficaram, sei lá, cinco minutos falando, perguntando coisas. Parei de falar com elas, nos despedimos e eu disse: ‘o que eu tô fazendo aqui? Eu amo me comunicar, esse lugar não é para mim’. Terminei o serviço e pedi para ir embora. Pedi demissão, porque aquilo ali não era para mim.

No ano de 2011 se matricula em um cursinho pré-vestibular popular e, mesmo tendo que compatibilizar o trabalho com os estudos, durante um ano busca investir na ideia de futuro a longo prazo. Em 2012, viu o seu nome escrito ao lado do curso “Engenharia Civil”.

O tempo em que meus interlocutores trabalharam é carregado de dicotomias quanto à construção do projeto de futuro profissional. Ao passo que a passagem por diversos tipos de vínculo trabalhista contribuía para os afastar da possibilidade de cursar uma graduação, alguns eventos que ocorreram nessas experiências de trabalho despertaram neles uma espécie de inconformismo com a realidade vivida, os mobilizando em direção à busca de outras possibilidades.

Em relação à ideia de transição e projeção para o futuro, para os estudantes que trabalharam durante todos os anos que antecederam a entrada na universidade, o ingresso representou uma imensa conquista e uma nova chance de construir um novo futuro, mas também um retrocesso em termos de autonomia financeira.

Agora, estudantes universitários, se veem dependentes do auxílio financeiro proveniente do programa de assistência estudantil, cujos valores são muito abaixo do necessário para viver em uma cidade de custo de vida alto. O que exige de todos os estudantes entrevistados a necessidade de encontrar outras fontes de renda para permanecer na universidade.

Condição de estudante universitário e os reajustes

A condição de estudante universitário possibilitou para alguns entrevistados a realização de um reajuste do projeto de futuro profissional. Três dos sete estudantes mudaram de áreas quando já cursavam a graduação. Essa mudança levou em conta sobretudo a inserção profissional futura. O espaço universitário, a rotina diária na instituição e as relações que construíram nessa experiência possibilitou que esses estudantes reajustassem suas escolhas.

Unindo as dimensões “reconhecimento social” e “prestígio econômico”, Elis (36), Mateus (36) e Mônica (30), migraram, respectivamente, dos cursos de Enfermagem, Engenharia Mecânica e Ciências Sociais para os cursos de Medicina, Engenharia Cartográfica e Direito. Com exceção de Mateus, a atualização do projeto de futuro de Elis e Mônica envolveu um esforço de estudos intensos.

Na condição de universitária em uma universidade do interior do Nordeste, Elis via alguns dos seus colegas da Enfermagem mudando para o curso de Medicina, e isso a fez pensar que talvez ela também conseguisse. Transcorrido dez anos após a conclusão do Ensino Médio, (que não ocorreu de forma linear, sendo interrompido no início do 3º ano e só concluído anos depois, estando ela com 23 anos), em 2017, aos 31 anos e quase se formando enfermeira, sua aprovação para um dos cursos mais concorridos do Brasil se efetiva, ela então atravessa o país e se lança para esse novo projeto. O reconhecimento social que via nas Ciências da Saúde foi resultado da experiência que teve enquanto paciente, com inúmeros profissionais da área.

Porque por mais que eu estivesse doente em alguns períodos da minha vida, o que não me fez desistir durante esses dez anos foi o sonho de estudar. E não importa o meu curso, isso é verdade. Eu vejo a questão da Medicina mais do que o retorno financeiro, eu queria muito estudar porque eu admiro muito a área. Eu queria ser alguém na sociedade. Então, pra mim assim, é a conclusão de um projeto de vida.

É importante ressaltar que, além das dimensões mencionadas, para a estudante Elis o projeto de ingressar no ensino superior foi também influenciado por uma significativa necessidade de ruptura familiar. Nessa direção, vale mencionar que, assim como Elis, excluídas as dimensões de reconhecimento social e prestígio econômico, outro entrevistado, (Felipe), tem nas motivações que originam o seu projeto de ingresso, uma necessidade de realizar tal ruptura.

Em contraste com os perfis descritos anteriormente, o estudante do curso de Letras, Felipe, não visualiza uma inserção profissional na área. Tendo optado pelo curso por afinidade com a área e gosto pela literatura, tinha outras expectativas e nunca se viu atuando como professor. Afirma em sua elaboração narrativa que a experiência na universidade se assemelha ao sentimento que teve ao terminar o ensino médio, onde o que prevalece é uma sensação de incerteza. Para ele, o ingresso foi quase que acidental.

Quando eu pensei em ingressar no ensino superior, na verdade eu nem pensei muito sobre o curso, mas as pessoas falavam que eu era bom em linguagens, que eu nem estudava e ia bem em inglês, foi daí que eu optei pelo curso de Letras. O objetivo inicial não era ser professor, eu queria escrever, queria ser um autor que publicava livros e tal, e foi isso. Agora, depois de bastante tempo, estou no final do curso de Letras... Assim como o final do ensino médio, aqui também foi um percurso bastante acidentado, não teve preparação e nem planejamento para o que vem depois.

Sua escolarização no nível médio é atípica, estudou em outro município em uma instituição em que o Ensino Médio era integrado a um curso técnico em Enologia. Aos 17 anos, concluiu os três anos do nível médio, e por não se identificar com a área, renunciou à formação técnica. Decisão que, segundo relata, logo trouxe arrependimentos. Com a conclusão do curso, precisou retornar para a casa dos pais. Logo na sequência e a contragosto começa a trabalhar como operário em uma fábrica de calçados, onde permanece por dois anos. Essa ruptura abrupta

da condição de estudante para a condição de operário despertou, segundo seu relato, uma sensação de que algo tinha sido arrancado dele.

Eu estava, de certa forma, triste que tinha concluído o ensino médio. Se eu soubesse o que me aguardava teria ficado mais um ano e concluído o técnico, mesmo não gostando. Eu pensava ‘o que eu faço? É isso a minha vida? Vou ficar trabalhando nessa cidade pequena, ganhando uma merreca e sendo explorado?’

A permanência desse estudante no curso é atravessada por interrupções, e o seu percurso na graduação ultrapassa o que seria aconselhado para conclusão do curso, incluindo o tempo de permanência nos programas de benefícios da própria universidade. Parte dos motivos para essa retenção não é motivada pelo baixo rendimento, trata-se de um bom estudante, em que o gosto pela literatura e pelas línguas estrangeiras só se intensificou com a experiência acadêmica. As rupturas e o atraso no curso são justificados por episódios envolvendo questões de saúde, mas também por um desencanto quanto ao futuro na área em que está se formando. As razões que o levaram a aspirar e ingressar no ensino superior, diferente das outras narrativas, foi uma ação que não pressupôs um investimento a longo prazo. Nesse caso, a dimensão temporal que o mobilizou a agir foi o presente vivido. Sair da condição de trabalhador precoce, da dependência familiar e dos limites restritos de uma cidade do interior.

Para sair da pobreza não havia outro caminho se não o de entrar na universidade

Do universo de estudantes entrevistados, o mais jovem e o último a conceder a entrevista, apresenta em sua jornada o que, a despeito dos outros perfis, é em si um projeto de futuro. De família muito pobre, Otto, 24 anos, sempre teve na sua criação familiar a mentalidade de que só os estudos o tirariam da situação de pobreza. Filho de mãe professora, tio com ensino superior e uma avó que, apesar de ter estudado até a 4^o série do ensino fundamental, alfabetizou desde idosos até as crianças da vizinhança, sempre ouviu dos familiares e dos professores que tinha “talento para os estudos”. Nessa direção, foi poupado do trabalho e a partir dos esforços familiares, cursou, na condição de bolsista, o ensino médio em uma escola confessional do município. Apesar de mencionar a relevância da influência familiar e mais precisamente do tio na trajetória de estudante, a certa altura da narrativa o entrevistado menciona, sem entrar em muitos detalhes, que não teve uma criação tradicional, e em razão de algumas intercorrências sua criação ficou restrita à avó materna.

Ainda que tenham ocorrido essas intercorrências, que compreendem algumas rupturas familiares, estas não comprometeram as expectativas que tinham com o seu futuro escolar. Com isso, um familiar que, à época, possuía vínculos institucionais com a universidade, propôs que

fosse para o Rio Grande do Sul prestar vestibular para a UFRGS. Desse modo, assim que conclui o ensino médio, se muda para Porto Alegre com o plano de ingressar no curso de Engenharia Mecânica. Apesar do pouco conhecimento quanto ao mercado de trabalho e de não conhecer nenhum profissional dessa área, decidiu pela engenharia por ser uma área promissora em termos de futuro profissional e também porque durante o ensino médio, tinha como matérias favoritas aquelas das áreas das exatas, como física e matemática.

Com a reprovação no vestibular a suposta aptidão para as exatas não se confirma e, com isso, percebe que as motivações que o levaram a escolher uma Engenharia não se sustentavam e que, a sua formação escolar progressiva estava aquém do necessário para garantir o ingresso.

A partir disso, inicia o projeto de se preparar para o vestibular e disputar uma vaga para o curso de medicina. Esse projeto envolveu a matrícula em um cursinho pré-vestibular, pago pelo familiar, e a necessária dedicação exclusiva, o que inclui ter sido poupado do trabalho. Otto assinala que sobre ele foi colocado um prazo: dispunha de um ano para preparação e ingresso. Atento às notas de corte e acompanhando as chamadas para ocupação de vagas no curso, percebe que para alcançar a aprovação precisaria de mais tempo, algo que não possuía. Tomado pela insegurança, decide recalculer o plano e opta por um curso que, mesmo não tendo os retornos financeiros como a medicina, é aquele que acredita ter nota suficiente para ingressar.

Eu tive que mudar de ideia porque eu tinha, como eu te falei, um ano de projeto. Então eu tinha que entrar na universidade em um ano. Se eu não entrasse, eu ia ter que começar do zero, tudo de novo. Eu até estava com nota competitiva, só que eu estava muito inseguro. E eu precisaria de um pouco mais de tempo pra estudar se eu, de fato, quisesse entrar na medicina. Aliado ao fato de que não era propriamente a minha vontade, era muito mais uma confirmação por causa do dinheiro que eu iria ganhar como futuro médico. Então eu quis optar por um outro curso que fosse mais adequado, tanto em relação à demanda financeira quanto com as coisas que eu também me identificava, como habilidades de retórica, oratória, estilo da história, por exemplo. O Direito acabou sendo um coringa nesse sentido.

Com a aprovação, o plano de ingresso se concretiza e um novo desafio se descortina: a permanência na universidade. Já dispondo de informações sobre o programa de assistência estudantil, se inscreve no edital de benefícios logo que ingressa. Assim como os outros entrevistados, Otto teve que imediatamente buscar formas de garantir sua permanência material nessa nova condição de estudante. Sabendo que não poderia acessar um estágio estando no primeiro semestre, precisou ir em busca de bolsas com carga horária compatível com a grade curricular do curso.

O ingresso, assim como ocorreu com os demais estudantes, foi marcado por uma jornada em busca da permanência. À medida que uma barreira é transposta, uma nova surge. Nesse sentido, a permanência não se resume a um único momento, pois é constantemente reavaliada

à medida que novos desafios surgem ao longo de suas trajetórias. A singularidade de cada curso, as aspirações para o futuro, a estrutura curricular e o horário das aulas, tudo isso exerce uma influência individual sobre as adversidades enfrentadas por cada estudante. Quando se é um estudante de fora, a necessária busca por moradia exige ainda mais desses sujeitos, pois se no momento do ingresso não há vagas na residência, é preciso que ocorra um verdadeiro milagre para encontrar uma moradia próxima à instituição de ensino, em uma nova cidade e contando apenas com os 450 reais de auxílio estudantil.

REFLEXÕES SOBRE O PRESENTE NARRADO, O PASSADO RESSIGNIFICADO E O FUTURO QUE SE ABRE.

A partir das narrativas desses estudantes é possível inferir que o acesso ao ensino superior repercutiu de modo diferenciado em cada um deles. Essa influência tem total relação com as experiências do passado, a passagem pelo mercado de trabalho, a relação familiar, o contexto regional em que estavam inseridos e as indeterminações que enfrentaram após concluir a escolarização básica. Ao se tornarem estudantes universitários, trazem consigo todas essas vivências. Ao passo que os mais jovens depositam maior relevância da formação universitária nos seus projetos de futuro, convergindo para o papel da instituição na transição para a vida adulta, os estudantes mais velhos adotam uma postura indiferente quanto a isso. E quando depositam no acesso ao ensino superior algum significado quanto ao tempo de transição para a vida adulta, o fazem no sentido da sociabilidade institucional², dos usos do tempo e da nova possibilidade de futuro profissional que a credencial educacional lhes pode conferir.

Para assumir uma nova identidade de estudante e se adaptar às mudanças que a transição para a vida adulta e profissional produzem, os estudantes dependem de suportes a que têm acesso e que os acompanham desde antes do ingresso no ensino superior, colaborando para atribuir à vida universitária um espaço de trânsito para um futuro menos incerto. Esses suportes podem ser via apoios familiares, redes de relações sociais e institucionais.

Assim como o caso dos jovens pesquisados por Sousa e Silva (2003), foi possível observar na análise da narrativa do estudante Otto (24), que o seu ambiente familiar esteve calcado em um *ethos* do esforço e responsabilidade, o que contribuiu para que o jovem tivesse uma visão positiva em relação aos estudos e os frutos que seus esforços gerariam. Embora sua narrativa demonstre que houve uma ruptura no apoio familiar após a mudança de estado e ingresso no ensino superior, sua narrativa articulada e suas estratégias quanto às etapas que deve seguir após conclusão do curso demonstram a manutenção desses valores e condutas que são reflexos do *ethos* familiar. Além da dispensa do trabalho e concessão de tempo para os estudos, no caso desse perfil, seria necessária outra rodada de entrevistas para aprofundar a análise e compreender quais foram as formas de investimento escolar que sua família realizou.

As reflexões suscitadas a partir da análise desse perfil sugerem que não podemos generalizá-las para o universo empírico estudado. Para compreender se há uma relação entre condição de estudante em transição para a vida adulta, bom desempenho acadêmico, as escolhas

² Por sociabilidade institucional estou me referindo à interação com seus pares, vivências em espaços universitários, participação em atividades culturais, experiência com estágio, pesquisa e extensão

realizadas e a manutenção da perspectiva para o futuro seria necessário ampliar o escopo de pesquisa, adotando metodologias qualitativas que privilegiem uma gama maior de entrevistas. Desse modo seria possível compreender como a origem familiar desses indivíduos contribui para a adesão a modos escolares de aprendizagem e uma autodisciplina para os estudos que corrobora com seus projetos de vida.

Nessa direção, é importante salientar que embora alguns entrevistados tenham atribuído a conquista do ingresso no ensino superior como obra do acaso (caso do perfil Felipe e Mateus), não podemos visualizar o acesso às instituições federais de ensino, cujos processos seletivos são marcados por disputas e restrições, como algo relegado à sorte. Se a opção viável é aquela que, dentre um conjunto de desejos e possibilidades, se mostra mais realista para concretizar um plano, alcançar uma vaga em cursos altamente concorridos, como Medicina, Direito e Engenharias, é consideravelmente mais complexo do que depender puramente da sorte, e suas motivações transcendem as dimensões do reconhecimento social.

Para esses estudantes que ingressaram na universidade após uma longa passagem pelo mercado de trabalho, a obtenção de um diploma representa algo mais do que apenas o desejo de ter um bom trabalho e uma boa renda. Para eles, o futuro profissional e o futuro de vida estão intimamente ligados. Em outras palavras, não se trata apenas de conseguir uma boa carreira, mas também de reescrever suas histórias de vida e de suas famílias sob uma nova perspectiva.

Embora tenham alcançado uma vaga no ensino superior, meus interlocutores não se encontram em uma situação equiparada aos colegas que ingressaram através da “rota convencional”, e demonstram não compartilhar as mesmas motivações e interesses.

Algumas barreiras que surgem com as particularidades de cada sujeito, demandam uma contínua adaptação entre a capacidade efetiva de realização e as demandas do ambiente universitário, resultando em uma pressão pela conquista ou receio de frustração, que é também influenciada pelas demandas pessoais e frequentemente profissionais da vida.

A análise dos perfis que compõem o grupo de estudantes com mais de 30 anos trouxe à tona um conjunto de características que vão além das questões iniciais definidas nos objetivos da pesquisa, tais como sentimentos de desajustes quanto à sociabilidade e a integração à universidade (TINTO, 1993) que, a priori, não se relaciona ao fator etário, mas parece estar ligado ao pertencimento social de origem e em como esta se vincula à condição estudantil e à construção de projeto de vida associado à escolarização.

Um dos efeitos desse “descompasso” pode ser observado em casos de estudantes que apresentavam um longo período de permanência no curso, sem que isso necessariamente fosse efeito de reprovações ou baixo rendimento nas disciplinas que cursaram. As narrativas

evidenciaram que a necessidade de compatibilizar trabalho e estudos foi preponderante em seu percurso universitário e na “retenção”. Dos sete estudantes que compuseram a etapa de entrevista, cinco compatibilizaram as demandas do curso com trabalhos informais e incertos, sobretudo por não ser viável manter um vínculo de trabalho que demandasse uma dedicação de 40h por semana.

Jovens adultos que não vislumbravam a possibilidade de construção de um projeto de vida após a saída do Ensino Médio, ao ingressarem no ensino superior, mesmo após uma passagem pelo mercado de trabalho, contrariam destinos comuns de uma parcela significativa de jovens brasileiros de classes populares que, após o término da escolarização obrigatória, ingressam em condições subalternas no mercado de trabalho.

Como a pesquisa revelou, os e as estudantes da amostra logo após conclusão da educação básica, ingressaram no mercado de trabalho em atividades como telemarketing, varejo, fábricas e, contrariando a tendência do grupo social a qual pertencem, buscaram construir expectativas de mobilidade social por meio da escolarização superior, mas tendo que articular esse projeto com o trabalho.

A origem social traz consigo barreiras de todas as ordens quando transposta com o acesso ao ensino superior, fazendo-se sentir na permanência no curso. Assim que eles finalmente ingressam, mesmo que “tardamente” - porque outras urgências materiais foram e são intransponíveis -, nesse novo trajeto não deixam de carregar suas origens sociais, mas agora essa origem é combinada com todas as dimensões da vida de estudantes universitários.

Nessa nova condição, vivem o drama híbrido do “estudante que trabalha ou trabalhador que estuda” (VARGAS; PAULA, 2012). E, também por essa razão, tem um ritmo escolar próprio, fazendo com que não tenham um ritmo maior e um melhor desempenho: efeito dos marcadores sociais, da gestão da política educacional, muito além do ideal, da lógica meritocrática do ambiente universitário e da necessidade de ter que trabalhar. Trata-se de um grupo com características próprias, uma fração estudantil que não corresponde ao imaginário do senso comum de estudantes universitários.

CONCLUSÕES

O objetivo do estudo foi investigar se o acesso ao ensino superior influenciou nos tempos de transição para a vida adulta entre estudantes que ingressaram nesse nível de ensino após a implementação das políticas educacionais de expansão do acesso, e ainda, compreender de que modo o acesso a formação se articula às suas aspirações profissionais.

Desse modo, analisei a vida dos estudantes sob uma perspectiva existencial e biográfica, com a instituição ocupando um segundo plano, embora igualmente significativo. O estudo se concentrou em entender os sentimentos, pensamentos e comportamentos dos estudantes enquanto sujeitos culturais e políticos que participam, moldam e são afetados tanto pela estrutura quanto pelas experiências da vida universitária. O estudo também considerou como esses estudantes trazem para o ambiente universitário as influências e orientações adquiridas ao longo de suas trajetórias pessoais e sociais.

Após as etapas de levantamento e análise dos dados, e sem perder de vista os ajustes que a própria dinâmica do campo demandou, esse estudo chega em suas conclusões com um volume de novas questões que não puderam ser respondidas, tendo em vista a natureza desse trabalho e o pouco tempo disponível para realizá-lo. No entanto, é possível apontar que o desejo por um futuro melhor é o lugar em que os estudantes desta pesquisa se encontram. Entretanto, à medida que os entrevistados refletiam sobre o passado, como este afeta o presente e quais sentidos atribuem ao que podem ser, divergências e contrastes surgiram. Enquanto pensavam sobre as questões que lhes colocava, observei que, para alguns, o passado era um lugar que não queriam acessar, mas o fizeram e com isso foram atribuindo sentido a ele.

Nesse ponto ficou evidente que para o grupo com mais de 30 anos, o tempo anterior à entrada na universidade e a idade biológica estão intrinsecamente ligados ao estudante que são hoje. Com isso, e levando em conta que a maioria dos estudantes que participaram da etapa qualitativa não se identificavam com essa identidade, quando muito, podiam se ver enquanto “jovens adultos”, a categoria de juventude ficou deslocada. Se alcançam algum fragmento do que entendem por “juventude”, só o fazem porque agora são estudantes. Como relatou um dos entrevistados, “só trabalhar envelhece”.

Quanto ao efeito da estrutura e da experiência universitária nos planos de vida desses estudantes, a residência estudantil ocupou um lugar paradoxal. Por mais que, à priori, o universo empírico tenha sido o conjunto de estudantes que residem na moradia estudantil, ao longo do estudo ficou evidente que a própria estrutura física e simbólica desse espaço repercute sobremaneira na trajetória estudantil desses indivíduos. A casa não seria mais um número na

amostra, mas uma parte integrada da universidade que influencia fortemente as experiências, o engajamento, as possibilidades e a vida de cada um que, ao fim de um dia, retornam a ela. A condição de morador por si só leva a crer que esses indivíduos não partilham do mesmo estatuto de estudante com o restante de seus pares. É como se eles/nós nunca sássemos de fato do campus universitário, apenas transitássemos de uma sede à outra e, com isso, lidássemos e habitássemos a outra face da moeda, que é o lugar secundário que ocupamos nas prioridades da instituição.

No que diz respeito à própria política de assistência, o perfil que ela contempla só é homogêneo quando medidos por métricas econômicas. Se por um lado, ela tem alcançado grupos de estudantes mais velhos, que passaram um longo período de suas vidas atrás de balcões e que tinham uma relação com o tempo voltada à lógica da carga horária de trabalho, por outro, ela desconsidera as particularidades desse grupo em suas ações, e ainda, o lugar de origem, as condições socioeconômicas da família, a qualidade do vínculo familiar, disciplina quanto ao uso do tempo, condições de moradia, transporte, alimentação e saúde.

As reflexões que surgiram ao longo desse estudo indicam que a permanência no ensino superior depende de três fatores principais: a administração do tempo dos estudantes, a qualidade de sua experiência e integração com a universidade e uma gestão institucional que diferencie as necessidades específicas dos diversos públicos que a acessam.

Ao desconsiderar esses fatores, esses estudantes precisam mobilizar estratégias por si para garantir uma permanência qualitativa na universidade. Além de restringir a vida universitária ao cumprimento da ementa curricular, esse cenário força os estudantes a buscarem formas alternativas de complementar o escasso valor que a assistência estudantil proporciona, e não podendo ter vínculos de trabalho “convencionais”, o tempo disponível para os estudos se torna um recurso limitado. Desse modo, para que não desistam do que foi construído até aqui, os estudantes precisam ser capazes de gerenciá-lo de forma eficiente para que possam, ao mesmo tempo, acompanhar as exigências acadêmicas e exercer as atividades remuneradas que surgem pelo caminho. Sem perder de vista as impossibilidades que isso traz quanto a vivência universitária mais ampla, como, por exemplo, a participação em espaços de Iniciação Científica, eventos culturais e atividades de extensão.

Um estudante que precisou atravessar o país para acessar o ensino superior tem a mesma relação com a universidade que um estudante que vem da região metropolitana? Contar com o apoio e o afeto familiar influencia os esforços para permanecer? Como, após um intervalo considerável de tempo sendo apenas trabalhadores, se adaptaram às dinâmicas estudantis e a disciplina e organização do tempo que a universidade exige? O desenvolvimento dessa pesquisa

suscitou o levantamento de novas e importantes questões quanto as experiências desse público estudantil e como as políticas educacionais transformaram suas vidas e a de suas famílias, mas revela também que essa diversidade estudantil é capaz de igualmente transformar o modo como as políticas vem sendo conduzidas nas instituições de ensino.

Pelos limites deste trabalho não seria possível dar conta de todos os questionamentos que dele se desdobraram, mas ainda assim são questões substancias que podem tanto contribuir no aprofundamento deste estudo quanto mobilizar novos, contribuindo para a avaliação e melhoria de políticas tão relevantes para a equidade educacional e para uma sociedade mais justa e igualitária, bem como para a Ciência Social engajada com os temas da Sociologia da Educação.

REFERÊNCIAS

- ARTES, A.; RICOLDI, A. M. Acesso de negros no ensino superior: o que mudou entre 2000 e 2010. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 45, n. 158, p. 858-881, 2015.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo, Brasiliense, 1990.
- _____. “A juventude é apenas uma palavra”. In: *Questões de Sociologia*. p. 151-162, Rio de Janeiro: Fim do Século, 2003.
- BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. “O Tempo e o Espaço no Mundo Estudantil”, In: Brito, Sulamita, *Sociologia da Juventude*, Vol. 4, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1968.
- BRASIL. Decreto 7.234/2010. Brasília, DF: 2010.
- CAMARANO, Ana Amélia. *Transição para a Vida Adulta ou Vida Adulta em Transição?* Ipea, Rio de Janeiro, 2006.
- CASAL, Joaquim; MERINO, Rafael; GARCIA, Maribel. Pasado y futuro del estudio sobre la transición de los jóvenes. *Papers: Revista de Sociologia*, Barcelona: Universidad Autónoma de Barcelona, v. 96, n. 4, p. 1.139-1.162, 2011.
- CASAL, Joaquim. “Modos Emergentes de Transición a la Vida Adulta en el Umbral del Siglo XXI: aproximación sucesiva, precaridad y desestructuración” In: *Jovens em Mudança – Atas do Congresso Internacional Growing Up Between Centre and Periphery*, Lisboa, 1996.
- COLL, Jordi Planas. Itinerarios de transición. *Cuadernos de pedagogía*, ISSN 0210-0630, n. 174, p. 16-18, 1989. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2764180>. Acesso em: 28 agosto. 2023.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- FLICK, Uwe. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- LECCARDI, Carmen. “Por um novo significado do futuro – Mudança social, jovens e tempo.” In: *Tempo Social – Revista de sociologia da USP*, São Paulo, pp. 35-57, 2005.
- MEDEIROS, M.; GALVÃO, J. DE C.. Educação e Rendimentos dos Ricos no Brasil. **Dados**, v. 59, n. 2, p. 357–383, abr. 2016.
- NEVES, C. E. B.; MORCHE, B.; ANHAIA, B. C. Educação superior no Brasil: acesso, equidade e políticas de inclusão social. *Controversias y Concurrências Latino-americanas*, ano 3, v. 4, p. 123-140, 2011.
- NOGUEIRA, M. A. A construção da excelência escolar: um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Org.). *Família & Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. p.125-154. Petrópolis: Vozes, 2011.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural, *Revista Brasileira de Educação*, Maio-Dez de 1997, nos. 5 e 6, pp. 14-24.

PIMENTA, Melissa. *Jovens em Transição: um estudo sobre a transição para a vida adulta entre estudantes universitários em São Paulo*. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2001.

_____. *Ser Jovem e Ser Adulto: Identidades, representações e trajetórias*/Melissa de Mattos Pimenta. Jundiaí, Paco Editorial: 2017.

PRATES, A. A. P.; BARBOSA, M. L. DE O.. A EXPANSÃO E AS POSSIBILIDADES DE DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR NO BRASIL. *Caderno CRH*, v. 28, n. 74, p. 327–340, 2015.

TODOS PELA EDUCAÇÃO (TPE). Profissão Professor. 2018. Disponível em: https://educacaointegral.org.br/wp-content/uploads/2018/07/Pesquisa-Professor_Dados.pdf. Acesso em: 18 julho de 2023.

RABELO, R. P. Desigualdades sociais no ensino superior: explorando tendências e impactos da Lei de Cotas. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 38., 2017, São Luís. Anais eletrônicos da 38ª Reunião Nacional da ANPED. São Luís: UFMA, 2017.

RODRIGUES, L. Estratificação Horizontal do Ensino Superior Brasileiro e as Profissões Imperiais: Os Concluintes de Medicina, Engenharia e Direito entre 2009 e 2017 . *Dados*, v. 67, n. 1, p. e20210118, 2024.

SENKEVICS, Adriano Souza; MELLO, Ursula Mattioli. O perfil discente das universidades federais mudou pós-lei de cotas?. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 49, n. 172, p. 184-208, abr./jun. 2019. <https://doi.org/10.1590/198053145980>

SOUSA E SILVA, J. *Por que uns e não outros?: caminhada de jovens pobres para a universidade*. Rio de Janeiro: Editora Sette Letras, 2003.

VARGAS, Hustana Maria. “Sem Perder a Majestade: “Profissões Imperiais” no Brasil”. *Estudos de Sociologia* [online], v. 15, n. 28, 2010. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/2553>. Acesso em: 02/09/2023.

VARGAS, H. M.; PAULA, M. DE F. C. DE .. A inclusão do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante na educação superior: desafio público a ser enfrentado. ***Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)***, v. 18, n. 2, p. 459–485, jul. 2013

TINTO, Vincent. *Leaving college: rethinking the causes and cures of student attrition*. Chicago: University of Chicago Press, 1993.

ZAGO, Nadir. Processos de escolarização nos meio populares - As contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Org.). *Família & Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. p.17-43. Petrópolis: Vozes, 2000.

ZAGO, Nadir. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. *Revista Brasileira de Educação*, v. 11, n. 32, maio/ago. 2006. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782006000200003>

WASEM, Karen Luana. O programa de moradia estudantil da UFRGS: uma análise documental e bibliográfica da assistência estudantil e moradia universitária. 2020. 167 p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

APÊNDICES A TÓPICOS DAS ENTREVISTAS

1. Ensino médio e os acontecimentos que antecedem e exercem influência sobre o ingresso no ensino superior	
1.1 Percurso educacional na escolarização básica e o Ensino Médio.	1.2 Eventos anteriores ao ingresso, as expectativas e as motivações quando a escolha do curso superior.
<ul style="list-style-type: none"> - Tipo de escola frequentada, relação com a escola, como os estudos se relaciona com a ideia de futuro. - Na etapa do ensino médio, se a ideia de ingresso no ensino superior era discutida na escola e na família. Se os colegas de escola partilhavam do mesmo interesse. - Nível de escolaridade dos pais, no que trabalhavam, se mais alguém do núcleo familiar ingressou no nível superior. 	<ul style="list-style-type: none"> - Captar os eventos biográficos que antecedem a entrada na universidade, a origem das expectativas e aspirações em relação ao ingresso. - Como o exercício laboral exercido no intervalo entre os níveis de ensino impactou a preparação e o tempo que levou para ingressar. - Como se deu a escolha por determinado curso, se foi a primeira opção ou se houve ajustes na escolha. - Quais informações possuía a respeito da estrutura universitária, das políticas de permanência e ações afirmativas, da área profissional e do mercado de trabalho a qual o curso pretendido se relacionava.
2. Condição estudantil e transição para a vida adulta	
2.1 Condição estudantil, o sentimento de juventude e como isso se alinha à ideia de transição para a vida adulta.	2.2 O ajuste do curso à preparação para o futuro profissional e a transição para a vida adulta.
<ul style="list-style-type: none"> - Socialização universitária e condição juvenil. 	<ul style="list-style-type: none"> - Como e de que maneira o curso universitário se alinha a preparação para a futura carreira profissional.

<p>- Relação entre sua condição de estudante, formação profissional e o processo de transição para a vida adulta.</p>		
<p>3. Dinâmicas institucionais e seus efeitos na construção de projetos de futuro</p>		
<p>3.1 Como as dinâmicas institucionais, suas ações e programas incidem sobre a experiência universitária e de maneira essas dinâmicas contribuem ou dificultam a efetivação do projeto de formação profissional.</p>	<p>3.2 Relação entre o trabalho e os estudos. As condições de permanência do estudante-trabalhador e do trabalhador-estudante.</p>	<p>3.3 As mudanças, a identidade profissional, a relação com o tempo e o lugar e os processos reflexivos.</p>

APÊNDICES B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Prezado/a,

Você está convidada (o) para participar, voluntariamente, da pesquisa intitulada “Mapeando juventudes em transição para a vida adulta no contexto universitário”. A referida investigação se encontra vinculada ao Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais intitulado “Construindo futuros possíveis: o papel do acesso ao Ensino Superior nas formas de transição para a vida adulta entre as classes populares”.

O estudo está sob a responsabilidade da graduanda, Barbara Gabriela Santos Oliveira, sob orientação do professor doutor Alexandre Almeida de Magalhães, do departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

O objetivo central da pesquisa é entender de que maneira ocorre a transição para a vida adulta entre estudantes que ingressaram mediante políticas de ampliação de acesso à universidade e de que modo suas trajetórias repercutem em seus projetos de vida e aspirações profissionais.

Este trabalho se insere no contexto de outros estudos em Sociologia da Juventude e Sociologia da Educação que buscam discutir a influência exercida pelo ingresso no ensino superior no processo de transição para a vida adulta, analisando os efeitos produzidos pelo prolongamento da escolaridade no estatuto de juventude e na construção de projetos de vida a partir das aspirações profissionais de estudantes universitários residentes de uma moradia estudantil que ingressaram neste nível de ensino após as políticas públicas e ações institucionais de relativa ampliação do acesso e permanência no ensino superior nos últimos anos no Brasil.

Tomando como ponto de partida as políticas educacionais de expansão do acesso e permanência no ensino superior e considerando os diversos públicos atendidos por essas políticas, o cenário deste estudo está situado em uma Casa do Estudante, a partir do entendimento de que as moradias estudantis são a materialização dessas políticas, tanto no que se refere ao acesso quanto à permanência, que tem garantido o ingresso ao ensino superior, bem como a possibilidade de ampliar o horizonte de escolhas quanto às instituições federais de ensino, por meio da mobilidade proporcionada pelo Sistema de Seleção Unificado (SISU), oportunizando aos estudantes de classes populares de diversas regiões do país a chance de permanecer e alcançar o tão almejado diploma universitário.

O resultado do estudo não tem impacto imediato, ou seja, os participantes não serão beneficiados pelos seus resultados de forma direta e imediata. No entanto, a relevância das análises e reflexões desenvolvidas a partir da pesquisa incluem:

1. Governo e formuladores de políticas públicas: É importante para o governo avaliar o impacto e efetividade das políticas de inclusão no ensino superior, como as cotas e programas de assistência estudantil, para garantir o acesso equitativo à educação e aperfeiçoar ou ajustar essas políticas, caso necessário.

2. Instituições de ensino superior: As universidades precisam compreender como o ingresso de estudantes provenientes de políticas de cotas e assistência estudantil pode

influenciar seu desempenho acadêmico, a permanência na instituição e sua formação como profissionais qualificados.

3. Estudantes beneficiados pelas políticas: Os estudantes que ingressaram na universidade por meio de cotas ou programas de assistência estudantil podem se beneficiar dessa discussão para compreender melhor os desafios e oportunidades associados à sua experiência na universidade e como essas políticas afetam sua transição para a vida adulta.

4. Comunidade acadêmica e pesquisadores: Para acadêmicos e pesquisadores, essa discussão é relevante para analisar e fornecer evidências empíricas sobre os impactos das políticas de inclusão no ensino superior na transição para a vida adulta dos estudantes e como essas políticas podem contribuir para a equidade educacional e social.

5. Sociedade em geral: A discussão é relevante para a sociedade como um todo, uma vez que reflete questões de justiça social, equidade e acesso à educação, além de abordar os desafios enfrentados por estudantes que historicamente foram excluídos do ensino superior.

A coleta de dados será realizada por meio de dois instrumentos da pesquisa: quantitativa, por meio da aplicação de um questionário sociodemográfico e qualitativa: entrevistas narrativas com questões envolvendo os seguintes tópicos: 1) O término do Ensino Médio e os acontecimentos que antecederam e contribuíram para o ingresso no Ensino Superior, como se construiu a aspiração do diploma universitário, quais estratégias foram mobilizadas para o ingresso no curso e o que incentivou a escolha do curso; 2) Qual o lugar e o sentido do trabalho no período que antecede a entrada na universidade, a relação entre a condição de estudante, a formação profissional e o processo de transição para a vida adulta; e 3) As dinâmicas institucionais, os impactos do trabalho na experiência estudantil, os espaços de socialização universitária e suas implicações nas aspirações profissionais e nos processos de transição para a vida adulta.

As entrevistas realizadas serão gravadas sob a sua autorização e, posteriormente, transcritas na íntegra. Somente a pesquisadora responsável pela coleta das entrevistas terá acesso aos arquivos gravados. Fica garantido o acesso ao conteúdo transcrito, bem como o direito ao veto de parte ou de toda a transcrição. O material coletado constituir-se-á especificamente de relatos de vida, sobretudo as que dizem respeito aos tópicos mencionados anteriormente. Fica assegurado o descarte dos arquivos após conclusão do estudo. Os locais e horários para a coleta de dados serão combinados, respeitando sua disponibilidade e preferência.

Vale ressaltar ainda que a sua participação não lhe acarretará despesa, tampouco qualquer tipo de vantagem financeira e, quanto ao resultado, ao término da pesquisa, esse será publicizado, incluindo um convite para que você possa, se assim desejar, assistir a apresentação do estudo na banca de defesa do trabalho de conclusão de curso.

Gostaria de esclarecer que o uso do material coletado será destinado exclusivamente para a realização desta pesquisa e que seu anonimato está assegurado. É importante salientar que estou disponível para qualquer esclarecimento no decorrer da pesquisa e que o participante tem assegurado à liberdade em participar ou não, bem como o direito de retirar seu consentimento em qualquer fase, sem que isso lhe acarrete quaisquer tipos de prejuízo, seja no que diz respeito a sua vida pessoal, acadêmica e/ou profissional.

Em caso de dúvidas disponibilizo, logo abaixo, o meu contato, bem como o contato do responsável pela orientação deste estudo. Diante dos esclarecimentos prestados e da garantia de que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem qualquer penalidade, e que os dados de identificação e outros pessoais não relacionados à pesquisa serão tratados de forma confidencial, aceito participar da investigação intitulada “Construindo futuros possíveis: o papel do acesso ao Ensino Superior nas formas de transição para a vida adulta entre as classes populares” na condição de voluntário/a.

Local e Data

Assinatura

Barbara Gabriela Santos Oliveira

Pesquisadora Responsável

E-mail: barbaragabriela@ufrgs.br

Alexandre Almeida de Magalhães

Professor Orientador

E-mail: alexandre.magalhaes@ufrgs.br

ANEXOS A – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO**MAPEANDO JUVENTUDES EM TRANSIÇÃO PARA A VIDA ADULTA NO
CONTEXTO UNIVERSITÁRIO****1. E-mail****2. Você mora ou morou na Casa do Estudante Universitário campus Centro?**

- Sim
- Não

3. Ano de nascimento**4. Identidade de gênero**

- Mulher cisgênero
- Homem cisgênero
- Mulher transexual/transgênero
- Homem transexual/transgênero
- Não binária
- Outro
- Não sei/prefiro não responder

5. Qual é sua cor ou raça?

- Indígena
- Amarela
- Branca
- Parda
- Preta
- Não sei/Prefiro não responder

6. Estado de origem (caso a origem seja fora do Brasil, marcar a última opção)

7. Nos casos em que o estado de origem seja o Rio Grande do Sul, escreva abaixo o nome da cidade.

8. Tipo de escola Ensino Médio

- Integralmente em escola pública
- Maior parte em escola pública
- Integralmente em escola particular
- Maior parte em escola particular
- Outras

9. Ano de conclusão do Ensino Médio**10. Ano de ingresso no ensino superior (ano de ingresso independente do curso atual)****11. Modalidade de ingresso**

- Acesso Universal
- Acesso por Ações Afirmativas

12. Provável ano de conclusão (caso já tenha concluído, inserir ano de conclusão)**13. Curso****14. Quantas vezes você prestou vestibular até ingressar na universidade?**

- 1
- 2
- 3
- 4
- 5 ou mais

15. Exerce ou exerceu atividade remunerada durante a graduação?

- Sim
- Não

16. Ocupação profissional e ou atividade remunerada

- Contratação temporária (substituta/o, horista, etc.)
- Contratação efetiva
- Trabalho em empresa ou indústria

- Trabalho de forma autônoma/freelancer
- Estágio não-obrigatório
- Bolsista (Monitoria, Aperfeiçoamento, Extensão, Permanência, IC, PIBID, PET, RP)
- Pensionista
- Sem trabalho ou bolsa

17. Você aceita ser convidada/o para participar de uma entrevista semiestruturada com duração de cerca de 30 minutos?

- Sim
- Não

18. Em caso positivo, inserir seu contato de WhatsApp no espaço abaixo.